

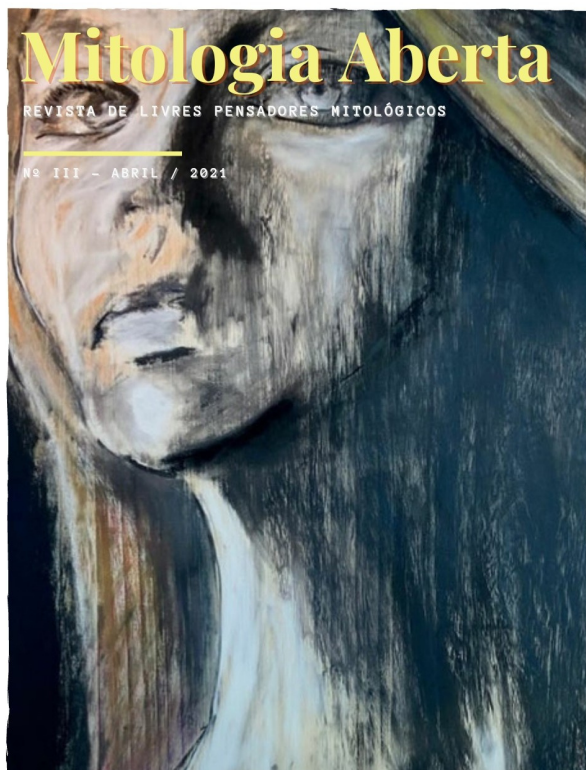
Mitologia Aberta



REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº III - ABRIL / 2021

SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
- 06 ILUSTRES ILUSTRADORES;
- 09 PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
- 10 ARTIGO DE CAPA: DEPRESSÃO E O CAMINHO PARA SI MESMA EM DEMÉTER
- 18 ARTIGO 01: ENKI E NINHURSAG: LITERATURA SUMERO-BABILÔNICA
- 24 ARTIGO 02: O FEMININO - MULHER DE FASES: A LUA E O FEMININO
- 28 ARTIGO 03: HEFESTO - O MACGYVER OLIMPIANO
- 43 ARTIGO 04: A QUESTÃO ESPIRITUAL NAS HQS DE THOR
- 55 ARTIGO 05: RAMAYANA: ENTRE O BEM E O MAL
- 60 BIBLIOTECA DE THOTH;
- 64 VITROLA DE ORFEU;
- 80 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
- 81 ARQUIVOS DE LOKI;
- 86 A NONA ÁRVORE;
- 87 ACADEMIA DE QUÍRON;
- 91 PANTEÃO DE COLABORADORES;
- 98 AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



A edição do mês passado proporcionou algo interessante: as trocas! Um dos objetivos desta revista é a divulgação do trabalho de quem colabora para que ela exista e acho incrível quando tenho a oportunidade de passar as impressões dos leitores para os colaboradores de cada sessão.

Além disso, fico feliz com gente nova chegando a cada dia, dispostos a colaborar com a revista e com o que ela pode proporcionar: essa oportunidade da divulgação da mitologia!

Como de costume, apresentaremos os Ilustres Ilustradores, afinal é nesta seção que contamos quem fez a capa e as ilustrações. Para esta edição, temos dois inusitados e interessantes ilustradores e duas artes feitas especialmente para a revista, uma verdadeira alegria!

Como na edição anterior, teremos um artigo de capa, mostrando um pouco mais sobre a bela divindade da imagem da revista deste mês, mas temos uma novidade: um conto que acompanhará o artigo de capa.

Na Bilblioteca de Thoth, temos dicas literárias nacionais e internacionais, (uma delas, lançamento); A Vitrola de Orfeu trará duas bandas nacionais maravilhosas; Nos Arquivos de Loki vasculhamos um filme muito interessante e uma série já bem conhecida de muitos; Um novo galho surge na Nona Árvore e na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem e claro, uma nova História da Vó Tiana espera por você!

Aproveitem!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias, e aqui, estarão essas histórias que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

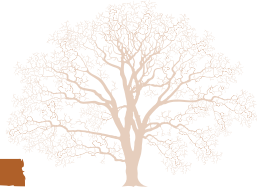
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia!

A NONA ÁRVORE



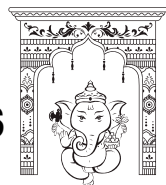
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas!

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas seções!

ILUSTRES ILUSTRADORES



Janne é um artista da Finlândia que se intitula como "um artista em tempo integral", isto porque ele pinta 7 dias por semana, durante o ano todo!

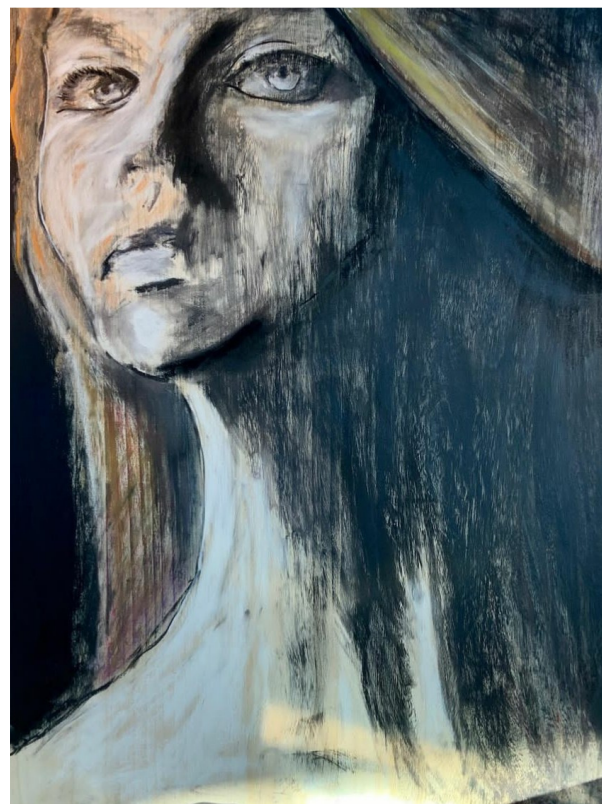
Em sua arte, trabalha principalmente com madeira, muitas vezes, em troncos de árvore, como a cerejeira ou o pinheiro, que recolhe do quintal de sua própria casa.

Com uma produção diária, Janne pinta emoções. Essas emoções aparecem refletidas nos inúmeros rostos que traz à vida, pois cada uma de suas artes tem algo profundamente expressivo, impactante, capaz de trazer à tona as emoções mais difíceis de acessar.

Embora também pinte telas em tecido, por conta da sua experiência em carpintaria, a madeira é o ponto focal do seu trabalho. Janne ressalta como cada nó, cada desenho na madeira original o ajuda a criar suas artes únicas. Em vários momentos, ele diz que é o "Mr. Wood", ou seja, o "Senhor Madeira".



Janne Virtanen
@janne.virtanen
www.jannejvirtanen.fi/



"Perséfone",
arte que ilustra a capa desta
edição.

ILUSTRES ILUSTRADORES



No seu processo criativo, Janne usa da meditação e da música clássica, principalmente a do compositor erudito estoiano Arvo Pärt.

Quando perguntado se as pessoas que ele pintava realmente existiam, Janne respondeu que "cada uma das figuras que pintava existiam de fato para ele, eram reais".

Assim, a imagem que ilustra a capa desta edição é a deusa Perséfone, que surgiu após uma conversa de Janne com a editora desta revista. Janne disse que Perséfone apareceu para ele assim, imponente.

Além de Perséfone que ilustra a capa, a linda Selene, pintada por Janne, ilustra o artigo sobre as Mães Luas.

Conheçam a vastíssima obra deste incrível artista!



Janne Virtanen
@janne.virtanen
www.jannejvirtanen.fi/



"Selene",
arte que ilustra o segundo artigo
desta edição.

ILUSTRES ILUSTRADORES



Patrick Burke é um artista do Reino Unido, cujo trabalho tem uma força e expressividade únicas.

Atuando como artista multimídia, seus trabalhos transitam entre músicas elaboradas, histórias em quadrinhos e claro, suas pinturas maravilhosamente impressionantes.

Ele diz "Sempre gostei de ser criativo, é uma forma maravilhosa de viver, nunca paro de trabalhar".

Conhecemos Patrick pela tela que ilustra o conto de capa, com uma força sombria, característica de muitas de suas obras. Esta tela se encaixou perfeitamente na narrativa do conto.

Outro de seus trabalhos que nos chamou atenção foi o "Planets" do projeto musical "Light from Yesterday's", que traz uma música para cada planeta do nosso sistema solar, o que nos lembra a belíssima obra do compositor inglês clássico Gustav Host.

Conheçam a diversificada e instigante obra deste artista!



@patrickburkeartworks

diary-of-an-artist.webnode.com

facebook.com/PatrickBurkeArtworks



"The Red Apple",
arte que ilustra o conto de capa
desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua terceira edição, e repetimos aqui algo que está em todas as edições: ela é uma revista de livres pensadores da mitologia, e por isso, vem com o objetivo de ser acessível a pessoas de diversas áreas, que se interessem pela temática.

Nesta edição houve uma bela mistura de mitologias, para fazer o leitor que gosta de mitologia comparada vibrar e aumentar o “brilho nos olhos”!

Teremos novamente um artigo de capa, onde a depressão é tratada como processo da deusa Deméter em busca de sua filha Perséfone (que é a divindade da capa) de forma majestosa. Além disso, recebemos um conto inesperado que acompanhará de forma muito interessante esse artigo, falando sobre os processos de interiorização do masculino.

O primeiro artigo é uma explanação muito bem elaborada e saborosa sobre as divindades Enki e Ninhursag, deuses da criação da mitologia da Suméria;

O segundo artigo traz as deusas luas, de uma forma sensível e interessante, mostrando suas fases e faces;

Já o terceiro artigo traz uma analogia muito inteligente sobre o deus Hefesto, o deus da forja da mitologia grega, comparado ao personagem MacGyver dos cinemas;

O quarto artigo traz de uma forma brilhante a questão da espiritualidade nas HQs do deus nórdico Thor, unindo quadrinhos e mitologia em um artigo realmente impressionante!

Para finalizar, o quinto artigo traz a trajetória entre o bem e o mal no simbolismo do Ramayana, da mitologia hindu. Aliás, a revista está recheada desta mitologia neste mês!

Vamos então nos aventurar nessas incríveis histórias?

Boa leitura!
Larissa Dias

DEPRESSÃO E O CAMINHO PARA SI MESMA EM DEMÉTER

POR ELIANE LEITE

“A depressão é como uma mulher vestida de preto. Se ela aparecer, não a afaste. Convide-a para entrar, ofereça-lhe um assento, trate-a como uma convidada e ouça o que ela tem a dizer”, Carl Gustav Jung.

Pode até ser difícil de acreditar, mas Deméter, a divindade da terra fértil na mitologia grega, chamada também de Mãe Terra, foi visitada pela dama de preto. A deusa mergulhou em profundo estado depressivo quando perdeu sua filha Core, fruto de um único enlace de amor com Zeus. Core passou a ser conhecida como Perséfone depois que perdeu sua condição de donzela.

Porém, a predisposição depressiva de Deméter não começou aí. Segundo Alvarenga (2010), a primeira depressão de Deméter ocorreu quan-

do se sentiu violentada sexualmente por Posídon. Depois de rejeitar o assédio do deus olímpico, e na tentativa de escapar de suas investidas, Deméter se disfarça como uma égua. Posídon descobre e transforma-se em um cavalo garanhão e a possui. Enganada, Deméter se sente ultrajada e, depois de recuperar sua virgindade num banho no rio Ladão, refugia-se no Olimpo. Esse é o primeiro contato dela com o mundo obscuro.

Outro momento de sofrimento para a deusa foi a perda do amado Iásion, um humano morto por Zeus, por ciúme. Do caso amoroso de Deméter nasceu o filho Plutão, de quem Deméter orgulhava-se, principalmente por ser fruto do amado morto. Não satisfeito com a morte de Iásion, Zeus cega Plutão. A indignação de

Zeus é por Deméter, ao se relacionar com um humano, se afastar da consciência divina. (ALVARENGA, 2010).

Já marcada por essas perdas, Deméter enfrenta o afastamento da filha Core. É demais para ela. Certo dia, Core saiu para colher flores e foi raptada pelo seu tio Hades, que a levou para o submundo. Sem saber o que tinha acontecido à filha, Deméter procurou Core desesperadamente, por nove dias e nove noites. Nesse período, não comeu, não bebeu, não tomou banho. (BRANDÃO, 1997).

No décimo dia, a deusa Hécate, que viu o ocorrido, contou a Deméter sobre o rapto de Core. A mãe desesperada revoltou-se contra Hades, o raptor, e Zeus, que teria autorizado o rapto da filha. Deméter, então, decidiu não voltar ao Olimpo até o retorno de sua filha, e abdicou de suas atividades divinas, o que ameaçou a humanidade, devido à seca que se instalou. Sofrendo as dores da perda, Deméter se transfigurou em uma velha e refugiou-se em Elêusis, onde foi contratada como babá de Demofonte, recém-nascido da rainha Metanira, a quem tentou imortalizar, mas foi im-

pedida pela mãe da criança, que surpreendeu Deméter em seu ritual. (BRANDÃO, 1997).

Frustrada com o ocorrido, Deméter revelou sua condição de deusa e exigiu de Metanira que fosse construído um templo para ela, onde se recolheu para continuar sofrendo as dores pela perda da filha, agora chamada de Perséfone. Brandão (1997) conta ainda que, pelo perigo que assolava a terra e diante da recusa de Deméter de retornar ao Olimpo, Zeus fez um acordo com Hades, e este permitiu que Perséfone passasse oito meses com a mãe e retornasse ao submundo para ficar quatro meses na companhia dele, que se tornou seu esposo. Ao reencontrar a filha, Deméter retorna ao Olimpo e devolve vida para a terra. Porém, a cada partida de Perséfone, cai novamente em tristeza, e a terra novamente se faz seca e improdutiva.

Woolger e Woolger (1997) nos dizem que as deusas são arquétipos, fonte dos padrões de pensamentos, sentimentos e comportamentos tipicamente femininos. “Com ‘deusa’ queremos exprimir a descrição de um tipo complexo de personalidade feminina, que reconhecemos intuiti-

vamente em nós, nas mulheres a nossa volta, e também nas imagens e ícones que estão em toda parte em nossa cultura”.

Quando se fala da psicologia da perda para a mulher, é possível retratar a deusa tríplice, ou seja, Core, Perséfone e Deméter como uma só. A grande deusa vista como a donzela, a mãe e a anciã, nas três fases mais importantes da vida de uma mulher. Deméter se vê como a donzela em sua filha, é também a mãe de toda a fertilidade e produtividade e depois se torna a velha, a anciã. (WOOLGER; WOOLGER, 1997)

Essas três fases retratam grandes perdas que a mulher vive ao longo de sua vida. Primeiro, a perda da inocência, quando entra na adolescência, o que é mostrado com a ida de Core para o submundo. No submundo, ela come a romã, o fruto da fertilidade, entregue por Hades, e se transforma na mulher Perséfone, fértil, produtiva. (BRANDÃO, 1997)

A segunda grande perda de uma mulher é quando o filho vai embora, podendo levar à depressão do “ninho vazio”, retratada no mito pela dor de

Deméter com o rapto de Core. Para aquelas que não têm filhos, esse sentimento pode ser vivido a partir da perda de algo que tenha gerado no lugar de um filho, como um projeto, um relacionamento, um trabalho etc.

A terceira grande perda evidente neste mito é a perda da fertilidade biológica, a menopausa. Depois de instaurar a infertilidade na agricultura, Deméter se transforma em uma velha e assume os cuidados de Demofonte, papel que muitas vezes é assumido por avós, mas que nem sempre é suficiente para superarem a tristeza que sentem pela saudade de uma fase passada da vida. “Muitas mulheres se deprimem nesta ocasião, tenham ou não sido mães. A fase fecunda da vida ficou para trás, tenha ou não se tornado manifesta, e certa tristeza é pertinente”. (WOOLGER; WOOLGER, 1997).

Byington (2007) fala da depressão como uma dinâmica necessária da psique para o processo de individuação, o que Jung chama como o caminho para si mesmo. Ele conta que a depressão acontece a partir da fixação dos símbolos e funções estruturantes. Símbolo estruturante refere-se a eventos existenciais, en-

quanto função estruturante são as respostas vitais ao símbolo estruturante. Funcionam nas polaridades, como consciente e inconsciente. Quando fixadas, essas respostas vitais tornam-se defensivas, e podem integrar o conteúdo reprimido no inconsciente, as sombras, gerando patologias, como a depressão. Dessa forma, Byington (2007) diz que tristeza e alegria têm uma função estruturante que podem ser normais quando não fixadas.

Jung descreve a depressão como uma forma de compensação do inconsciente para algo que deveria estar consciente. Dessa forma, a depressão leva a olhar para o passado, uma regressão involuntária para integrar as lembranças animadas. Isso representa a fuga da libido diante dos contratempos da vida, uma tentativa de retorno para o lugar de conforto quando o ser veio à vida, o colo da mãe. “É o mundo da criança, aquele estado paradisíaco da primeira infância, do qual a lei do rolar do tempo nos expulsou. Neste reino subterrâneo dormitam sentimentos pátrios e as esperanças de todo o vir a ser”. (JUNG, 1986).

No entanto, a ida ao fundo é perigo-

sa, pois nele está a decisão pela destruição ou reconstrução da vida. Jung esclarece que se a libido fica presa no subterrâneo, o homem ou a mulher se transforma em sombra, revelando uma grave doença ou a própria morte, mas se a libido consegue retornar à superfície (consciente), o faz revigorada.

Ele relata que as perdas são inevitáveis no processo de mutação da vida, “mas o que tira o brilho da natureza e a alegria de viver é a atitude de olhar para trás, para uma condição externa do passado, ao invés de olhar para dentro do estado depressivo” (JUNG, 1986).

É inevitável para Deméter, diante das suas perdas, o sofrimento. Hollis (1999) também corrobora com a ideia de a depressão ser normal diante de uma perda ou desapontamento, e diz que só pode ser vista como patológica quando interfere de maneira intensa no funcionamento normal de uma pessoa e quando isso se prolonga por período extenso.

A depressão, dessa maneira, é uma forma de comunicação para uma energia vital ainda presente, e que pede para ser ativada novamente.

Apesar de essa afirmação parecer contraditória pela inércia que a depressão causa, há um significado potencial no inconsciente vivo e dinâmico. Por isso, é preciso coragem para admitir a depressão e enfrentá-la, e não tentar eliminá-la por meio de medicamentos (HOLLIS, 1999).

Deméter não superou a perda de Core, visto que a cada partida de sua filha para o submundo a deusa entra em profunda tristeza e, novamente, se abstém da sua divindade sobre a terra, abrindo mão do seu poder construtivo, diferentemente de Perséfone, que vai ao submundo (inconsciente), elabora a perda de sua inocência e se torna uma mulher fértil.

A depressão de Deméter tornou-se patológica pela fixação da função estruturante, descrita por Byington (2007), ante a perda da filha. Ela se entregou ao sofrimento, o desânimo tornou-se intenso e repetitivo a cada partida de Perséfone, e a impediu de extrair qualquer significado do sofrimento.

Deméter, portanto, embora forte, é uma mulher ferida, de uma forma ou de outra, não realizada, e não está

pronta para renunciar ao papel de mãe, fecunda, e viver a benesse da velhice. (WOOLGER; WOOLGER, 1997).

A mulher identificada com o arquétipo de Deméter, por ser generosa, maternal e com grande capacidade de prover, pode se considerar sempre vítima em razão de desapontamentos e expectativas frustradas, que de certa forma podem ser vistos como perdas, se considerar que toda sua dedicação é em vão, pode ser controladora e raivosa, além de deprimida. A exemplo de Deméter, que se refugia em seu templo em Elêusis e não permite que nada nasça, ela se esquivava das atividades em sua fase madura da vida e torna-se cada vez mais amargurada. (BOLEN, 2003).

Ribeiro (2008) lembra que o arquétipo da grande mãe pode ser representado por vários símbolos. No aspecto positivo, aparece como representações de nascimento e renascimento, e no aspecto negativo, como fixação, unilateralidade, aprisionamento. Para ela, Deméter pode tanto alimentar a centelha de vida guardada no inconsciente quanto causar intensa letargia e decadência.

Quatro medidas preventivas poderiam livrar a mulher identificada com o arquétipo da grande mãe da depressão, defende Bolen (2003): aprender a dizer não; a expressar a raiva ao invés de refreá-la; a abrir mão e deixar crescer e desenvolver outros interesses além da maternidade.

Quanto à função da depressão para o desenvolvimento e maturação psicológica temos a visão de Hollis (1999), afirmando que a energia da vida permanece no subterrâneo da psique (inconsciente), por isso é necessário descer ao inconsciente e mergulhar na depressão para encontrar o maior tesouro da nossa alma.

Existe uma grande força no inconsciente que é destruidora, e quanto mais difícil de ser contida, com mais força gera uma crise de individualidade. A pessoa se perde em relação a quem é e seus papéis sociais, e não tem ideia de como sair dessa situação. Tudo isso fala da necessidade de uma mudança de vida. “O si mesmo tentou crescer, exaurindo as desgastadas estratégias do ego. A estrutura que nos esforçamos tanto para criar se revela

insignificante, assustada e sem respostas”. (HOLLIS, 1995).

Ribeiro (2008) reforça que, sem isso, é impossível vencer os desafios do reino de Hades. “A grande conquista na individuação feminina é confrontar-se com os medos, entendê-los e transformá-los, em cujo processo é impossível evitar o sofrimento”. (BOECHAT, 1996, apud RIBEIRO, 2008).

O aspecto negativo do arquétipo da deusa está bem presente no mundo atual, embora não se possa negar a presença também do aspecto positivo, mesmo que em menor dimensão. A ideia é que a mulher identificada com o arquétipo de Deméter “precisa servir-se de Deméter em seu próprio favor, em vez de reagir instintivamente aos outros, como se ela própria fosse Deméter”. (BOLEN, 2003).

Nesse processo, a mitologia é grande ferramenta para o caminho do crescimento psicológico. Campbell diz que a saúde é a resposta do ritmo pessoal em sintonia com o do universo. Quando há um desvio, o ritmo pessoal se desestabiliza. “Todo fundamento da mitologia é o ritmo. A

doença é um descompasso e o rimo do mito é que nos traz de volta, por isso temos as mitologias de cura. (CAMPBELL, 2013)

O renascimento é o que metaforicamente coloca fim à depressão. No mito, está representado pelo retorno de Core como Perséfone. Para a mulher, é possível a recuperação após um período de sofrimento, é disso que trata o mito de Deméter e Perséfone. “Tal mulher aprende que pode viver através do que quer que aconteça, sabendo que, assim como a primavera segue-se ao inverno, também a mudança da experiência humana segue certos padrões”. (BOLEN, 2003)

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A.M.T.S.M. Deméter: Deusa mãe da terra cultivada. In: ALVARENGA, M.Z. Mitologia simbólica: estruturas da psique & regências míticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- BOLEN, J.S. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRANDÃO, J. Mitologia Grega: vol. III. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Palestra apresentada no V Congresso Venezuelano de Psicoterapia, realizado pela Asociación Venezolana de Psicoterapia – AVEPSI, Caracas, 15 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/a_depressao_normal_e_o_futuro_da_civilizacao.pdf>
- JUNG, C.J. Símbolos da Transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMPBELL, J. Deusas: Os mistérios do divino feminino. São Paulo: Palas Athena, 2013.
- HOLLIS, J. A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade. São Paulo: Paulus, 1995.
- HOLLIS, J. Os pantanais da alma: Nova vida em lugares sombrios. São Paulo: Paulus, 1998.
- RIBEIRO, Maria Goretti. O sagrado feminino na literatura. Revista Ipotesi/UFJF, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2012.
- WOOLGER, J. B.; WOOLGER, R. J. A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Cultrix, 1997.

RUPTURA

Muitas vezes pensamos que aquilo que às vezes é realidade, que tudo aquilo que sentimos é de fato sentido...

Quando vemos uma horrível cena de assassinato, quando sentimos um cheiro delicioso de comida, quando sentimos um calafrio quando estamos a sós e escutamos algo na distância, quando abraçamos um amigo que não víamos há alguns anos... Absolutamente tudo é real!

Todavia, algo pode acontecer, qualquer coisa pode acontecer! Um momento de ruptura, em um breve vislumbre de uma sensação, percebe-se algo diferente do ordinário, uma lâmpada cuja luz parece esticar-se de uma maneira nunca jamais vista, um cheiro que antes era maravilhoso, que remetia à infância, agora está remetendo ao futuro... ao me aproximar de suspostas pessoas, passo a sentir os mesmo calafrios que sentia enquanto estava sozinho.

Algo nesse mundo mudou... tudo mudou! Todos esses acontecimentos me fazem questionar a minha própria mente: ela está me pregando uma peça? Iludindo-me? O que é a mentira, meu passado, presente ou futuro? Onde

estou nesse momento?

E em um lapso de lucidez, me vejo em uma cela, deitado no chão de concreto, cheio de rachaduras molhadas, com um cheiro insuportável de mofo. Olho um pouco mais ao redor e vejo que é um pequeno quadrado, que estava vazio, exceto por mim.

A minúscula janela deixava entrar apenas uma diminuta luz, que me fazia ver o quão podre era o lugar onde eu me encontrara. Mas estes sentidos não eram comparados com o que escuto: gritos ensurdecedores, de dor, agonia, pavor. Um medo aterrorizando-me, juntamente com meus calafrios, subindo através da medula espinhal até parar em meu pescoço, seguido de uma dor e alguns pelos arrepiados. Gostaria de sair daquele local, mas estava paralisado, a dor me faz recostar a cabeça no chão duro novamente, fecho meus olhos e desejo, por tudo aquilo que acredito, que eu me esqueça do que estou sentindo.

ENKI E NINHURSAG: LITERATURA SUMERO- BABILÔNICA

POR VITOR FILIPPO

No decorrer do curso humano no planeta, a religião influenciou fortemente seu modo de vida, transformando a própria maneira do homem enxergar e cultuar o divino. *“Cada uma a seu modo, todas as religiões exaltam a compaixão e a fraternidade universal, a sinceridade e a honestidade, a humildade e a mansidão, valores incontestáveis que ninguém quer ver desaparecer.”* (Hellern et al, 2016, p. 7).

Contudo, há de se ressaltar que as religiões possuem semelhanças em sua infraestrutura. Deve-se admitir que todas elas, tanto aquelas já extintas como as que ainda perduram em nosso tempo, são portadoras de verdade, sendo reflexo direto de uma construção social vinculada a uma época e lugar. E como disse Paul Veyne; *“Pensar que nada é verdadeiro*

nem falso tem um efeito muito estranho, mas nos habituamos rapidamente. E por um bom motivo: o valor de verdade é inútil, redundante; verdade é o nome que damos às nossas opções”. (Veyne, 2014, p. 195).

Obviamente, não podemos ser levianos a ponto de construir ou fabular sinais de convergências e sincretismos em qualquer mitologia. Elas, para abarcarem tal conceituação, exigem, taxativamente, uma integração e um repertório historiográfico para que se tenha essa relação simbiótica de contato e supostas transferências de cultura.

O mundo Mesopotâmico formou-se entre os dois principais rios do Oriente Médio, o Tigres e o Eufrates, ocupando uma planície de 140 mil Km², ocupando originalmente a re-

gião que seria hoje aproximadamente a região do Iraque. A porção sul foi primeiramente ocupada pelos sumérios, por volta do término do quarto milênio a.C. A partir da descoberta da escrita cuneiforme, começou a se encontrar alguns pontos de influência da Mesopotâmia, desde a Alta Antiguidade, tanto na Índia quanto às portas da Europa, devido, em grande parte, à produção de seus mitos e contos, que, mesmo de maneira indireta, influenciaram inúmeras ideias religiosas. *“Na Suméria, um bom milênio antes de os hebreus escreverem a Bíblia e os gregos sua Ilíada e Odisseia, encontramos uma literatura rica e madura que consiste em mitos e contos épicos, hinos e lamentos, e inúmeras coleções de provérbios, fábulas e ensaios.”* (Kramer, 1988 p. XXII).

Assim sendo, faz sentido não só criar hipóteses, mas sim admitir que os profetas de Israel viviam e pensavam, inconscientemente, sob influência não só babilônica, mas de todo o universo mesopotâmico. Tendo vivido à sombra e à margem de povos oriundos da Mesopotâmia, que por momentos governavam as terras israelitas, como por exemplo no rei-

nado do rei Nabucodonosor II, onde aconteceu o famigerado período do exílio judaico em terras babilônicas.

Inúmeras passagens bíblicas possuem similaridades com a mitologia criada pelos sumérios e cultuada na Antiga Mesopotâmia. O relato do Dilúvio de Noé assemelha-se com o Dilúvio Mesopotâmico, narrado na Epopeia de Gilgamesh, no capítulo cinco dessa aventura - A História do Dilúvio. Nessa mesma Epopeia, a aparição da serpente e sua ação na história podem dar outra interferência mesopotâmica na cultura hebraica.

Mais um conto em que há analogia entre as duas culturas é Enki e Ninhursag: Os Apuros do Deus da Água, onde a criação de Dilmum e as aventuras do Deus da Água, Enki, lembram o próprio desenrolar da atuação de Adão e Eva no Éden. Na crônica, o surgimento de Eva no judaísmo também possui particularidades da influência da mitologia mesopotâmica, e o “cumprimento” em várias situações, principalmente no Gênesis, do Código de Hamurabi.

“A Bíblia não nasce na Babilônia, os empréstimos, numerosos foram a partir de então recenseados...O Antigo Testamento não é uma mera variante das sabedorias do Crescente Fértil. Ele emprega seu material, mas transforma-lhe radicalmente o sentido...Os padres, doutores e profetas de Israel pensam e vivem, portanto, sob a influência inconsciente, longínqua e difusa, mas para nós evidente, da Babilônia.”(Bottéro, 2001, p. 22).

Enki e Ninhursag: Os Apuros do Deus da Água

Os sacerdotes mesopotâmicos atribuíam o nome de Dilmun ao seu “paraíso”. O conto Enki e Ninhursag: Os Apuros do Deus da Água, é o que nos esclarece o surgimento de Dilmun. Samuel Kramer define este conto da seguinte maneira; *“Tanto a intriga da história quanto a simplicidade do estilo deste mito chama a atenção, é a mais memorável composição de todo nosso grupo de contos.”* (Kramer, 1997, p. 54).

A personagem central de nosso conto é o Deus da Água e da Sabedoria, Enki. O poema começa com uma descrição de Dilmun como

uma terra inocente e abençoada: *“A terra de Dilmun é um lugar puro, a terra Dilmun é um lugar limpo”* (Kramer, 1997, p. 55).

Porém, o que estava faltando no paraíso era água fresca. Então, a Deusa protetora de Dilmun, Ninsikil, pediu a Enki que providenciasse água fresca, e assim o Deus da Água, ouvindo seu pedido, ordena que o Deus-Sol, Utu, traga água fresca ao Dilmun.

Após o Dilmun ser completado de água, a intriga de nosso conto se inicia. Ninhursag, a Deusa-Mãe, é impregnada por Enki, e, passado o período de gestação de nove dias (na visão Suméria, um dia dos Deuses se equivale a um mês dos homens), nasce Ninsar.

Desta vez, Ninsar é quem é impregnada por seu pai, Enki, e depois de nove dias de gestação, deu à luz a Deusa Ninkur. Agora, essa última é quem é copulada por Enki, e então, finalmente, nasceu Uttu, a Deusa da Planta.

Uttu recebe uma advertência para o seu futuro relacionamento com Enki, de sua “bisavó”, Ninhursag. Parte do

tablete que contém a passagem do conselho que Ninhursag dá à Utuu está quebrado, então não conseguimos decifrar qual o parecer da deusa ancestral. Contudo, percebe-se que Uttu seguiu o aviso, e após ser impregnada por Enki brotaram oito plantas de frutas, e Enki, por meio de seu mensageiro, Isimud - que trouxe as frutas a sua presença - comeu todas as oito.

“Ele perguntou ao seu mensageiro Isimud:

- O que é isto, o que é isto?

Seu mensageiro Isimud o respondeu:

- Meu Rei, esta é a árvore-planta’.

Ele cortou-a e Enki as comeu.”(Kramer, 1997, p. 55).

Então Ninhursag, que realmente é a responsável pela criação de todas as plantas, fica raivosa com o ocorrido e lança uma maldição em Enki:

“Até você estar morto, Eu te olharei com o ‘olho da vida’.”(Kramer, 1997, p. 57).

Novamente, parte do texto está danificada, porém, Enlil, o Rei dos Deuses Sumérios, interfere nos acontecimentos e clama a Ninhursag que retire a maldição do doentio

Enki. A remoção da danação da Deusa-Mãe causará o nascimento de oito divindades específicas, relacionadas a cada fruto ingerido, e para cada dor do valetudinário Enki. Esta passagem, que fecha o nosso poema, é a seguinte:

“Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Minha... dói-me.”

Ninhursag: “Ao Deus Abu eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Meu quadril me dói.”

Ninhursag: “Ao Deus Nintul eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Meu dente me dói.”

Ninhursag: “À Deusa Ninsutu eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Minha boca me dói.”

Ninhursag: “À Deusa Ninkasi eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Minha... me dói.”

Ninhursag: “Ao Deus Nazi eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Meu lado me dói.”

Ninhursag: “Á Deusa Dazimua eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Minha costela me dói.”

Ninhursag: “Á Deusa Ninti eu dei à luz?”

Ninhursag: “Meu irmão, o que te faz sofrer (dor)?”

Enki: “Minha... me dói.”

Ninhursag: “Ao Deus Enshagag eu dei à luz?”

Ninhursag: “Para aqueles que eu dei à luz...”

*Enki: Deixe Abu ser o Rei das Plantas,
Deixe Nintul ser o Senhor de Mangan,
Deixe Ninsutu casar-se com Ninazu,
Deixe Ninkasi ser (a Deusa que)
saciar o coração,
Deixe Nazi casar-se com Nindar,
Deixe Dazimu casar-se com
Ningishzida,
Deixe Ninti ser a Rainha do Mês,
Deixe Enshagag ser o Senhor de
Dilmun.*

O Pai Enlil, seja louvado!” (Kramer, 1997, p. 58).

Isso nos chama atenção com relação à divindade criada a partir da cura das dores da costela de Enki, Ninti. Uma divindade feminina gerada para a cura da costela certamente nos faz produzir um paralelo com a criação da mulher, Eva, da costela de Adão, por lahweh. Segundo Samuel Kramer, o próprio significado dos nomes, Ninti e Eva, são semelhantes, a partir de suas respectivas línguas; *“A Deusa criada para a cura da costela de Enki é chamada Nin-ti, ‘a senhora da costela’. Mas a palavra sumeriana também significa ‘fazer ao vivo’. O nome Nin-ti, portanto, significa ‘a senhora que faz viver’ ou ‘a senhora da costela’. Eva em hebraico significa ‘ela quem faz viver’ (Kramer, 1988, p. 144).*

O repertório mitológico mesopotâmico que circunscreve toda a cultura suméria e, de fato, a babilônica também, é muito vasta e se expandiu por toda região do Oriente Médio. Esse mito de Enki e Ninursag: Os Apuros do Deusa da Água, assim intitulado pelo sumeriológico Samuel Noah Kramer, é apenas uma das muitas fantásticas histórias nos legada pelos inventores da antiga es-

crita cuneiforme.

REFERÊNCIAS

- BLACK, Jeremy. THE NEW YEAR CEREMONIES IN ANCIENT BABYLON: "TAKING BEL BY THE HAND" AND A CULTIC PICNIC. Pennsylvania State University, 1981, p. 39-59.
- BOTTÉRO, Jean. No começo eram os deuses. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- Hellern et al. O Livro das Religiões. São Paulo, Companhia de Bolso, 2005.
- KRAMER, Samuel Noah. History begins at Sumer: Thirty-nine firsts in recorded history. University of Pennsylvania press; 1988.
- KRAMER, Samuel Noah. Sumerian mythology. University of Pennsylvania Press, 1997.
- PAULUS EDITORA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo; Paulus, 2002
- VEYNE, Paul. Os Gregos Acreditavam em seus Mitos?. São Paulo, UNESP, 2014.

O FEMININO – MULHER DE FASES: A LUA E O FEMININO

POR GABRIELA SABINA

*“Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...”*

Excerto: Lua Adversa, Cecília Meireles

Quem nunca estranhou uma mudança repentina no nível de energia do corpo? Uma mudança de ânimos, de desejos, de gostos, de interesses?

Acho que todo mundo já passou por isso, homens e mulheres. Mas, como mulher, posso afirmar que nós mudamos a cada dia, a cada semana, a cada hora. Aposto que o título remeteu a uma música de uma famosa banda. Sim, somos seres de fases.

E a responsabilidade disso está na Lua. O astro que temos menos-prezado ultimamente, especialmente

quem vive nos grandes centros urbanos. Vale ressaltar que a Lua já foi mais importante que o próprio Sol para gerir a vida humana. Era pela observação das mudanças das fases da Lua que o ser humano mais primitivo, e não somente ele, regia suas escolhas. A hora de plantar (Mãe do milho) e de colher (Deméter ou Ceres), a hora de caçar (Diana ou Ártemis) e pescar (Sedna), a hora de acasalar (Freya) e dos nascimentos (Ísis).

Os primeiros calendários foram sempre regidos pela Lua. Até hoje algumas datas comemorativas cristãs são baseadas no calendário lunar. A Páscoa acontece no primeiro domingo após a lua cheia depois do equinócio de Primavera no hemisfério norte, e, baseado nessa data, temos o Carnaval e Corpus Christi. Quero di-

zer com isso que, mesmo que não tenhamos mais consciência disso tudo, a Lua ainda é muito importante para a vida.

Ela rege as marés (Iemanjá) e as águas (Oxum), e o elemento água está intimamente relacionado com as emoções, uma vez que nosso corpo é composto por 70% de água. Não é de se estranhar que as mulheres mudem tanto seus humores de acordo com o ciclo menstrual. O mesmo tempo que a lua leva para completar seu ciclo, 28 dias, é o tempo de duração do ciclo feminino. Antigamente, era costumeiro a mulher ovular na fase da lua cheia e menstruar na lua nova. Isso foi se alterando devido às tecnologias, como a luz artificial, que altera nossa consciência de dia e noite, e também das estações do ano e suas temperaturas, e que acabam por confundir os ritmos biológicos. Mas, até hoje, é de se notar que quando muitas mulheres convivem em um ambiente comum, é comum que seus ciclos se equiparem.

Podemos associar essas fases da seguinte maneira: na lua nova, o corpo limpa o que estava guardado e se desfaz do que não é mais necessário. É quando a mulher mens-

trua e descarta o sangue que estava preparado para gerar nova vida. Como uma morte que abre espaço para o renascimento, é o momento em que a mulher se interioriza e sente desejo de ficar mais fechada e isolada. Na lua crescente, nos sentimos plenas e mais animadas, começamos a fazer planos, a preparar o solo para uma vida nova. Na lua cheia, plantamos a semente, ovulamos, estamos no nosso auge, sentimo-nos poderosas. E na lua minguante, na temível TPM, queremos nos desfazer de tudo aquilo que é inútil, que faz mal. Perdemos o controle dos filtros sociais e fazemos o que nos dá na telha.

Outra associação que se faz entre a lua e o feminino são as deusas tríplexes, ou as três faces da deusa.

Temos a Donzela, a criança, a face inocente, virgem, que corresponde à fase entre a lua nova e a crescente. A donzela é representada por inúmeras deusas em cada cultura. Os gregos têm a principal delas como Perséfone, ou mesmo a ainda anterior, chamada de Koré, afinal, ela só se torna Perséfone depois que casa com Hades. Temos ainda, para citar alguns exemplos, Iansã (Iorubá),

Eir (nórdica), Blodeuwedd (celta), Maat (egípcia), Parvati (indiana), Mani (indígena) e Ostara (teutônica). Elas estão relacionadas aos inícios, ao plantio, ao princípio de projetos.

Para a lua cheia temos a face da mãe. São as deusas mais plenas, e talvez as mais conhecidas, elas invocam o lado maternal, criador e cuidador. Para citar algumas, temos: Deméter (grega, mãe de Perséfone), Iemanjá (iorubá, mãe da maioria dos orixás), Frigga (nórdica), Danu (grande mãe celta), Neith (egípcia), Lakshmi (indiana), Mamma Quilla (inca) e Inanna (suméria).

Por último, temos a face da Anciã, que corresponde à lua minguante e negra. Ela é o símbolo da sabedoria, ligada a tudo o que está oculto, à sombra, às bruxas, à morte, e isso faz dela o aspecto mais temido. Lembrando sempre que este aspecto é também importante, pois nos mostra que tudo deve morrer para que se abra espaço para que o novo venha, no eterno ciclo do nascimento, morte e renascimento. Seguindo a ordem das demais deusas citadas anteriormente, temos: Hécate (grega), Nanã Buruquê (iorubá, a mais velha dos orixás), Hel (nórdica, sim



SELENE - J.J. VIRTANEN

lembra a palavra Hell, do inglês – inferno), Cerridwen (celta), Néftis (egípcia), Kali Ma (indiana), Mulher cambiante (navajo) e Baba Yaga (eslava).

Em alguns casos encontramos essas três faces numa entidade só, como é o caso das Parcas, Moiras e Nornes, das quais já falei em um artigo anterior. (*Terra: a Mãe de Todos Nós - Revista Mitologia Aberta Vol II*).

Vários autores relacionam as deusas a cada fase de nossas vidas. A mais notória, entretanto, e que vale de referência para quem quiser se aprofundar, é Jean Shinoda Bolen, que escreveu dois conhecidos livros sobre o assunto. Deixo a referência abaixo, juntamente com alguns outros títulos.

- WHITMONT, Edward C. Retorno da deusa. São Paulo: Summus, 1991.

REFERÊNCIAS

- BARTLETT, Sarah. A Bíblia da Mitologia. São Paulo: Pensamento, 2011.
- BOLEN, Jean Shinoda. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 1984.
- BOLEN, Jean Shinoda. As deusas e a mulher madura São Paulo: Triom, 2004.
- FAUR, Mirella. O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a deusa. São Paulo: Alfabeto, 2015.
- MARASHINSKY, Amy Sophia. O oráculo da Deusa: Um novo método de adivinhação. São Paulo: Pensamento, 2007
- PRIETO, Claudiney. Todas as deusas do mundo: rituais wiccanos para celebrar a Deusa em suas diferentes faces. São Paulo: Ardane Books, 2015.

HEFESTO: O MACGYVER OLIMPIANO

POR ROSANGELA CORRÊA

Olá caro Leitor, como vai? ... Depois do estudo sobre Prometheus, abordado no artigo anterior da segunda edição da nossa revista Mitologia Aberta, estava ansiosa para fazer mais algumas provocações reflexivas! E, com a devida vênua, nosso título já propõem reflexão, aproximando Hefesto – deus do fogo mitológico e membro do seletto grupo que compõem o panteão grego, deste modelo arquetípico de “*macgyverar*” que experimentamos cotidianamente.

Pois bem, inicialmente precisamos contextualizar um pouco o conceito “MacGyver”. Já ouviram falar a respeito? Ah, sim, é verdade, a palavra tornou-se verbete, inclusive consta no Dicionário Oxford Léxico como: “o verbo ‘MacGyver’ significa fazer ou consertar alguma coisa de maneira improvisada ou inventiva,

usando quaisquer coisas que estejam à mão”, além de ser o nome do famoso seriado norte-americano, cujo homônimo é o personagem principal. Pelo que pesquisei, no início de 2021, estão trabalhando numa quarta temporada, para exibição ao logo do ano. Entretanto, ainda não é deste MacGyver que estou falando, pois esta é uma releitura, com mudanças significativas, diga-se de passagem, da história original, de um suposto jovem, Angus MacGyver – sim, o primeiro nome é Angus, pode?! Logo mais falaremos de mitologias, então sim, tudo pode nestes nomes que carregam personagens que simbolizam e dão vida a tantos conteúdos arquetípicos. Pois bem, o MacGyver a que me refiro foi exibido nas décadas de 80 e 90; no Brasil, o nome do seriado foi traduzindo para Profissão Perigo. Mac, para os íntimos

era um agente especial que atuava em agência secreta vinculada ao governo americano, capaz de produzir qualquer coisa com os recursos disponíveis num determinado tempo-espço. Era capaz de salvar qualquer pessoa, grupos, países ou planetas, usando, por exemplo, um clipe, uma fita adesiva, uma caneta esferográfica e uma goma de mascar – quase inacreditável, não é verdade?! – mas também é bem verdade que este último item era raro, e raro também era algo dar errado - quando muito, o canivete suíço se perdia. É, caro leitor, pode parecer exagero, mas era tudo realmente muito incrível, especialmente ambientado nas décadas citadas, do século passado, considerando que a internet era algo abissalmente distante, junto com todas as outras facilidades tecnológicas que temos à disposição hoje em dia. Ou seja, nosso imaginário ou conexão com o inconsciente coletivo continua fértil e pulsante, independentemente do tempo cronológico, viabilizando paralelos com mitos arcaicos.

Desse modo, as habilidades, genialidades e proatividades que emanam da personificação arquetípi-

ca de MacGyver, quase que corporificando uma espécie de magia através da ciência, sendo mais uma oportunidade de aproximá-lo de um deus mitológico, a meu ver, pouco e injustamente celebrado contemporaneamente. Hefesto era constantemente descrito “macgyverando”, incansável e magistralmente, em suas oficinas, seja na ilha de Lemnos ou no monte Etna. Trata-se de um deus cheio de predicados, como poderemos constatar, e, por incrível que pareça, muitas vezes foi tido como único deus que trabalhava, e, assim como o nosso MacGyver, evitava ou era menos exposto aos holofotes, levando em conta a baixa frequência narrativa, versus seu valor e ocupação na mitologia, inclusive ou talvez em função dos dramas e demandas familiares que ambos experimentaram. Em contrapartida, há inúmeras citações de Hefesto em narrativas mitológicas de outros deuses e heróis gregos, que muitas vezes passam a impressão, equivocadamente, de uma atuação figurativa ou coadjuvante, mas cujas intervenções são quase sempre cruciais e determinantes para o desenrolar das tramas.

A seguir, apresento um pequeno mapa mental para ilustrar alguns dos

feitos e inter-relações desse mito, cuja ampliação narrativa de alguns

tópicos se dá na sequência deste estudo.



Há um forte sincretismo em torno do imenso arcabouço mitológico greco-romano e demais mitologias arcaicas, além da avassaladora sobreposição da era patriarcal ao matriarcado. Dito isto, há indícios correlatos do deus grego Hefesto com o deus romano Vulcano, e não apenas, mas inclusive como consta na coleção da Abril Cultural, primitivamente, era cultuado pelos romanos como “deus dos raios, sol, incêndios e calor fecundo, sendo uma das mais antigas divindades do panteão latino, antecedendo Júpiter (Zeus)”. Parece não haver consenso sobre a etimologia do nome Hefesto, segundo Juno está intimamente associado ao que incendeia as águas, personificando o fogo.

Nascimento – Naturalmente, temos algumas divergências nas narrativas deste mito, como sobre seu nascimento, ora apontado como filho legítimo de Zeus e Hera - conforme Homero, opondo-se à versão de Hesíodo, que o apresenta apenas como filho de Hera – o filho da mãe. Nesta última versão, conta-se que Hera, movida por ciúmes vingativo em função de Zeus ter concluído a gestação e “parido” a deusa Atena já adulta, linda, hábil e vestida com ar-

madura, portando escudo e lança, teria idealizado e concebido a geração de um filho belo como ela própria, em evidente competição com o marido. Aqui, a ideia incutida psicofilosoficamente, nos moldes patriarcais, é que a mulher sozinha seria incapaz de conceber perfeição, visto que Hefesto nasce feio e possivelmente coxo. Há, entretanto, uma terceira versão, na qual Hefesto, ainda feio e deformado, continua sendo filho de ambos, mas teria sido fruto de uma relação incestuosa e pregressa ao casamento, explicitando de maneira épica o alerta sobre possíveis consequência de relações sexuais entre mortais, análogas às condições do mito.

Queda – Na versão em que Hera promove a geração sozinha, após o parto ela rejeita o filho imediatamente, por não atender às suas expectativas de mãe narcisista, e, envergonhada, arremessa-o do Olimpo. Nas versões em que a paternidade é atribuída aos dois deuses, é Zeus que o atira do Olimpo, por Hefesto interceder em favor da mãe, pois estaria protegendo-a do pai que reagia violentamente diante de uma das muitas manifestações coléricas de Hera, sempre fruto de

ciúmes das amantes e filhos do marido. Este episódio específico girava em torno de Hércules, filho amado de Zeus com uma mortal. O fato é que, seja qual for a versão, todas trazem a queda de Hefesto, e, em algumas narrativas, só então ele torna-se coxo e adquire o atributo de deus fisicamente deficiente, que mancava de ambas as pernas. Lembrando que “[...] *no mundo da imortalidade e perfeição, não havia tolerância para a mediocridade estética.*” (Christos, 2017, p. 28). O local de sua queda também é divergente, sendo registrado ora na Ilha de Lemnos, ora direto no mar ou oceano.

Acolhimento Iniciático – De modo geral, Hefesto costuma ser retratado pelos artistas como um ser grande e truculento, mas quando se estuda com um pouco mais de atenção esse mito, pode-se deparar com um ser de imensa sensibilidade sensorial, empatia e prontidão, junto com uma inabilidade afetiva abissal, quando diz respeito a si, que fora matizado simbolicamente pela queda do Olimpo, longe dos padrões comportamentais do patriarcado vigente, representados por Zeus.

Durante as pesquisas, encontrei citação de nove dias de queda a partir do Olimpo, mas, em grande parte das narrativas, consta um dia inteiro despencando das alturas olímpianas. Após a queda, foi socorrido e amparado por Tétis e Eurínome, sendo protegido e educado numa gruta submarina durante seu crescimento. E é aí que Hefesto aprende e desenvolve sua ampla habilidade e capacidade nos labores com os metais, ao longo de nove anos, carregando em si o valor e característica iniciática que simbolicamente o algarismo 9 (nove) representa, como evidenciam Stein e Boechat, na nota a seguir:

“O ciclo mítico de Hefesto nos relata que o deus, ao cair do Olimpo, rejeitado por seus pais por sua feiura, de acordo com uma variante, vem a cair no oceano, onde é recolhido pelas ninfas Tétis e Eurínome. No fundo do mar, passa nove anos, sendo educado pelas ninfas em local cálido e abrigado, chamado Múkos, que em grego quer dizer: local sagrado, mais íntimo, o lugar das mulheres na casa. (STEIN, 1980: 73).

Neste lugar feminino, o deus irá aprender as artes da ourivesaria mais sutil, bem como a arte mágica de ferreiro.

Encontramos aqui Hefesto em seu lugar predileto, longe das alturas olímpianas dominadas pelo masculino, cercado pelas intimidades do arquétipo da Grande Mãe, o oceano, as ninfas, onde se dá o ciclo mágico iniciático regido pelo número nove, símbolo da completude da criação na mitologia grega (lembramos a importância simbólica das nove musas). Na verdade, a criatividade aqui tem papel nuclear no Mito de Hefesto, pois demonstra os aspectos positivos do arquétipo da Grande Mãe; em seus domínios, onde aparecem as águas do oceano, as ninfas, o local feminino oculto debaixo das águas, é lá que Hefesto terá sua iniciação." (BOECHAT, 2009, p. 133).

Ressaltando que os feitos de Hefesto transcendem suas notórias aptidões no âmbito dos recursos materiais, utilizando e/ou manipulando elementos extrafísicos e míticos, atando, desatando e/ou dando vida ao que antes era imóvel. Como registrado no Dicionário de Símbolos:

"Hefestos é aparentado aos deuses atadores, amarradores da Índia e dos celtas, mas com uma diferença, uma superioridade: o seu poder é tanto o de

animar o imóvel quanto o de imobilizar o vivo; não só confina com laços que ninguém desata como confere movimento e vida à matéria inanimada (SECG, p.256)." (CHEVALIER, 2017, p. 746).

Como mencionado, em tempos mais arcaicos que a época grega mitológica, Hefesto ou Vulcano personificava o próprio fogo celeste, e era também venerado como deus do raio. Já no contexto grego, após as guerras titânicas, entre outras alterações mitológicas, lhe é dada a tarefa de produtor, propriamente dito, dos raios que Zeus utiliza – chamando-nos a atenção para uma possível apropriação “quase” indébita - e, ainda, do fogo. O aspecto supostamente defeituoso de suas pernas está intimamente associado aos movimentos ígneos, “vacilantes” como o próprio fogo, e que aos olhos de quem desconhece, pode mesmo levar a equívocos de só ser capaz de perceber e entender como “defeito” aquilo que ignora.

Retorno ao Olimpo – Após nove anos, Hefesto deixa a segurança e o aconchego do lar materno adotivo, e em sua oficina arquiteta um acerto de contas com sua mãe olímpiana. Envia

ao Olimpo um trono de ouro, cuja atenção e curiosidade é despertada em todos que ali estavam, que indagam sobre sua origem e a quem se destina. Diante do grande alvoroço, Hera acaba sendo atraída para o pátio e também se encanta com a bela obra, e quase que magneticamente, a rainha dos deuses aproxima-se e senta-se magnânima no trono, sendo admirada e venerada por todos. Muito tempo se passa, a noite cai, o pátio se esvazia, e quando Hera se dá conta, está sozinha, já com o avançar das horas noturnas. Decide levantar-se para retornar aos seus aposentos, mas percebe algo errado: está presa, incapaz de deixar o trono, e, num misto de fúria e desespero, solta um grito que ecoa aos quatro cantos do Olimpo. Todos despertam, Zeus chega até Hera antes dos demais imortais e constata a derradeira situação. Tentam de tudo para desfazer o feitiço, que a esse tempo, já sabem ter sido enviado pelo deus do fogo, e segundo os pesquisadores da Abril Cultural “*o presente de tão bela aparência era um instrumento de vingança*” pela rejeição materna. Após todas as tentativas frustradas e longo debate, convergem na única solução, que é convencer Hefesto a regressar

ao Olimpo e libertar a mãe, seja através de concessões ou coações violentas. Nesse intento, Ares - deus da guerra, é enviado a ilha de Lemnos, mas é surpreendido pela astúcia e determinação do irmão, que o recebe com uma máquina que arremessa tochas incendiárias. Derrotado, Ares regressa e comunica seu fracasso, sendo então outro irmão escalado para tarefa - Dionísio - deus do vinho, que é amigo de Hefesto e cultiva uvas nas cercanias de sua oficina, o que facilitou a sua aproximação, munido de vinhos, a pretexto de visita fraterna. Tempos depois ambos chegam ao Olimpo, com Dionísio trazendo Hefesto desacordado e embriagado, no lombo de um asno. Quando o filho de Hera recobrou a lucidez, continuou se recusando terminantemente a libertar sua mãe, a menos que Afrodite - deusa do amor, lhe fosse dada em casamento.

Aqui tempos alguns desdobramentos do mito, mas, resumindo bastante, Afrodite nasce da castração de Urano (avô de Zeus), fruto do sincretismo para incorporação ou integração da deusa, que tudo indica ser de origem, crenças e mitos orientais. E, entre outra coisa, conforme variantes nar-

rativas, Zeus, para evitar uma disputa fratricida no Olimpo pelo amor da deusa e para de alguma maneira recompensar Hefesto pelos muitos serviços prestados, consente o casamento, naturalmente sob protestos da deusa Afrodite. Consequentemente, o acordo é honrado e Hera é libertada de seu castigo filial.

Há quem diga que, neste episódio, Hefesto, mesmo que parcialmente, tenha conseguido mitigar a ferida do abandono e rejeição materna, bem como evidente ausência paterna, seja pelo confronto ao narcisismo da mãe, como pela impotência consensual do pai. Todavia, as conseqüências das supostas conquistas, inexoravelmente ficam por conta e risco do suposto conquistador. Como arremata Boechat, nesta citação:

"Hefesto solta Hera e obtém Afrodite como esposa. Prendendo Hera, Hefesto liberta-se a si próprio do complexo materno negativo; sua anima transfere-se da mãe à esposa com o auxílio de Dioniso líbios (o libertador)." (BOECHAT, 2009, p. 131).

Casamento, Uniões e Filhos – Na versão de Homero, Junito conta que

Hefesto "uniu-se a Cárís, a mais linda das Graças, e amou Aglaia, a mais jovem das Cárítes", mas Zeus consente o casamento com Afrodite, e temos aqui a deusa do amor casando sem amor! – Como poderia dar certo, não é verdade?! – Pois bem, vamos falar de Afrodite: considerando as questões arquetípicas do inconsciente coletivo, e partindo da premissa que, de algumas maneiras, todo e qualquer indivíduo pode acessar em alguns graus ou níveis esses conteúdos inconscientes, é interessante perceber como alguns pintores, ao longo dos tempos, registraram em suas obras a figura de Afrodite, muitas vezes na oficina de Hefesto, sempre e obviamente trabalhando.

Sem pormenorizar os eventuais prejulgamentos, podemos conjecturar na possibilidade de que o plano de vingança e até algum tipo de reconciliação de sua anima, como sugere (BOECHAT, 2009), podem ter sido conquistados, mas ele parece não saber muito bem o que fazer com esse prêmio, e deliberadamente negligencia a conquista, que talvez até nem acreditasse ser possível. Com isso, desperdiça a oportunidade de usufruir dos resultados dos esforços empenhados, deixando de

avançar para as etapas seguintes de desenvolvimento pessoal, ou no que os junguianos chamariam de processo de individuação.

Afrodite, primaveril, deusa da beleza, do amor, dos relacionamentos, cerceada de manifestar sua essência, busca atenção, aceitação e troca, emblematicamente no oposto complementar, encontrando amparo nos braços de Ares - deus da guerra, das iniciativas, dos começos, numa evidente transgressão desse cárcere subjugador e pulsante, tipicamente no modelo patriarcal negativo, estabelecendo um relacionamento aparentemente longo, facilitado pela ausência constante do marido, onde frutificam 4 filhos. Lembrando que, inquietantemente, a união arranjada entre Hefesto e Afrodite não produz filho algum, ambos têm filhos com outros pares, mas não entre si.

Veja por outra compartilho com meus clientes em clínica, variando um pouco, algo do tipo: “Quando estamos distraídos, descuidados ou negligentes de nossas demandas pessoais, invariavelmente, tendemos a viver a vida mal vivida ou não vivida de nossos pais!” Por favor, percebam quão profundo é este dado.

Por exemplo, vendo através do mito, entre diversas perspectivas, quando Hefesto, simbólica e supostamente, remaneja de sua mãe Hera para a esposa Afrodite a projeção de sua alma, sem a devida lapidação, zelo e apropriação, torna-se sujeito das manifestações desarmônicas dessa energia psíquica, mesmo ele tendo tido o resgate e possibilidade de experimentar a maternagem saudável através Tétis e Eurínome. Para avançarmos, é importante um sucinto esclarecimento sobre o termo: alma (lat., “alma”) – inconscientemente, é o lado feminino da personalidade do homem, e todas as relações são afetadas por sua projeção, que baliza a formação de imagens, influenciando as vivências e equação pessoal.

Seguindo adiante, vamos correlacionar apenas mais três aspectos destrutivos desses pais: podemos perceber a ausência de Zeus (pai) e o óbvio distanciamento em seu casamento com Hera (mãe), bem como traições (Zeus) e vinganças (Hera), lamentavelmente replicados no comportamento ausente de Hefesto em seu próprio casamento, e conseqüentemente, experimentando as traições de Afrodite, culminando

em atitudes deliberadamente vingativas de Hefesto contra a esposa, seu amante e os filhos desta união, no melhor estilo Hera. Lembrando que Hefesto, além da vingança imposta à mãe, quando descobre a traição da esposa com seu irmão, mais uma vez planeja e desenvolve um arдил para puni-los, criando uma rede mágica e invisível que surpreende os amantes no ato libertino. Além de aprisioná-los, assim como fez com Hera, os expõem ao ridículo, convocando os demais deuses para verem os amantes nus, que, humilhados após a libertação articulada por Poseidon, deixam os castelos olímpicos.

Como mencionamos, Hefesto não teve filhos com Afrodite, mas há vários filhos atribuídos a ele como: os Palicos, e Cabiros (que trabalhavam com Hefesto), Palêmon (argonauta), Perifetes (ladrão), Ardalo (escultor), Euclieia (deusa da boa reputação e glória), Eutênia (personificava a prosperidade), Eufeme (deusa do correto discurso), Filofrósine (deusa da compaixão e virtudes), Erictônio, entre outros.

Serviço Social – Como citado no início do tópico <Acolhimento Iniciá-

tico>, Hefesto é um deus sempre pronto a colaborar com seus pares e/ou com mortais, sejam estes heróis ou pessoas comuns, além de trabalhar incessantemente. Muitos especialistas no mito, avaliam esses modus operandi de trabalho constante, versus necessidade em ser aceito. Em outras palavras, é como se comprasse atenção e respeito, resultante apenas em troca do que ele é capaz de oferecer. Embora esta também possa ser uma perspectiva aceita e viável, peço licença aos especialistas, mitólogos ou linhas de pensamento, para acrescentar outra possibilidade, na tentativa de mitigarmos o conceito, a meu ver raso, em analisar este mito apenas pelo viés arquetípico de sofrimento e frustração. Mas, antes, vamos relacionar alguns dos muitos feitos que esse personagem mitológico promoveu:

- Modelou e fabricou palácios, tronos e armas aos deuses e heróis;
- Confeccionou as mais belas e preciosas joias para as deusas e belas mulheres;
- Correntes que prenderam Prometeus, mesmo não concordando intimamente com o

castigo que Zeus impôs ao titã;

- Pandora, a primeira mulher. Também a pedido de Zeus, Hefesto modela e insufla vida à primeira mulher para ser oferecida aos homens, como medida punitiva à humanidade;
- Quadriga & Cama de Hélio. Hélio é o Sol propriamente dito, e, conforme a narrativa mitológica, ele era conduzindo e puxado pela quadriga (carro especial), ao logo do dia, até se por a “dormir”, durante a noite;
- Talo, o protetor do reinado de Minos. O rei de Creta, insatisfeito com a crescente imigração de forasteiros e evasão de seus súditos nativos, encomendou a Hefesto um guardião/vigia incansável e constante para monitoração de seu domínio autocrata;
- Touro de Eetes X Jasão. Eram touros monstruosos com cascos de bronze, que soltavam fogo pelas ventas, produzidos e oferecidos por Hefesto ao rei de Cólquida. Aparecem no episódio dos argonautas, onde Jasão precisa lavrar um campo protegido pelos touros como uma das tarefas na obtenção do velocino de ouro;
- Guerra de Troia. A pedido de Hera,
 - e para proteger o filho de Tétis, contém a fúria do Rio Escamandro pela morte do filho, na batalha com o guerreiro Aquiles;
 - Criador de vários auxiliares e ferramentas complexas para uso em seu ofício;
 - Rede Mágica. Usada para prender e ridicularizar Afrodite e Ares, em adultério;
 - Colar de Harmonia. Presente amaldiçoado em ocasião das núpcias de Harmonia com o rei Cadmo, de Tebas, e que magicamente provocou todas as desgraças em sua família. Ainda fruto de vingança pelo adultério da esposa, visto que Harmonia é uma das filhas de Afrodite e Ares;
 - Trono dourado. Usado para castigar a mãe, Hera, pela rejeição;
 - Gigantomaquia. Hefesto mata, com ferro em brasa, o gigante Mimas, na guerra entre os gigantes e deuses olímpicos, ocorrida após a guerra contra os titãs (Titanomaquia);
 - “Parto” de Atena. Métis foi a primeira esposa de Zeus, que a engoliu grávida, por temer a repetição de padrões familiares, que neste caso específico gira em torno de filhos destronando os pais

- Curiosamente, ele mesmo conclui a gestação. Na hora do parto, fica sob uma lancinante dor de cabeça, e Hefesto, com um machado, abre o crânio de Zeus, de onde salta a deusa Atená.

Gosto de usar como recurso comparativo outras manifestações artísticas, com intuito de aproximar as narrativas mitológica de outrora ao nosso tempo, na tentativa de desmitificar a crença de que mito é coisa de antigamente, pois acredite, eles estão muito mais presentes em nossas vidas do que percebemos. Dito isto, faço mais dois pequenos recortes, de um filme e série atual (década 20 deste século), para ilustrar algumas dinâmicas do nosso Hefesto mitológico:

1º – Filme – Green Book: O Guia – Baseado em fatos reais, para explicar o esforço de um dos personagens principais, um dos coadjuvantes explica: “Não basta ser gênio, é preciso ter coragem para transformar corações alheios”.

2º – Seriado – Lúifer – contextualizando, vez por outra ele, Lúifer, esclarece que ele não é <o mal>, mas o punidor de quem comete <o mal >,

havendo aqui uma sensível e importante diferença conceitual. Num dado momento da segunda temporada, sua mãe – é, na série os autores incluíram, habilidosamente, uma deidade materna – o provoca, dizendo que ele só desempenha essa tarefa por designo de seu Pai, sugerindo que o faz em busca de aceitação. Então, ele rejeita violentamente essa submissão e assume a responsabilidade, concluindo e afirmando que, na verdade, o faz porque gosta, porque é o certo a se fazer. Há aí também uma importante e sensível diferença conceitual.

Assim como nestas duas últimas citações, não basta Hefesto ser genial, é preciso ter coragem para transformações. E isto não diz respeito só ao mito, mas sim a cada um de nós, pois não basta termos ideias e iniciativas geniais, há que se ter coragem para bancá-las, efetivamente. E, acima de tudo, Hefesto emana determinação e assume seus interesses, genuinamente comprometido com seus princípios, mesmo demonstrando insanidade, pela frenética dedicação ao trabalho, e muitas vezes sem qualquer evidência

de ética em suas ações ou consequências. Por isso, arrisco sugerir que ele o faz porque gosta, porque acredita ser o certo a se fazer. A advertência aqui está no que tange ao nível de consciência, no modus operandi de como cada um vive a própria vida, evitando servir de massa de manobra, apoio ou degrau, a serviço de interesses alheios aos seus.

Ponderações Finais – Mito diz dos padrões humanos estereotipados em deidades e/ou elementos míticos, portanto, as narrativas falam de nós, em maior ou menor grau, nível ou evidência. Pessoalmente, estudar Hefesto me permitiu ter melhor clareza do tamanho deste mito, pois sempre o achei brilhante e subestimado. E me deparei com um mito de uma grandeza ainda maior do que supunha, mas, naturalmente, detentor de uma sombra tão grande e tão densa quanto seu tamanho e brilho.

A história ficcional de MacGyver não é tão apoteótica como a de um deus, mesmo um que foi posto para fora do Olimpo, mas ele também lidou com ausência do pai e não pôde experimentar o rito fúnebre da mãe,

vítima de AVC, pois estava distante e ocupado com seu trabalho. Também experimentou dificuldade em manter relacionamentos amorosos, embora seja brilhante em muitos aspectos, especialmente do ponto de vista técnico e funcional. A série termina com ele deixando a agência especial, que presta contas a um governo, para se dedicar à experiência paterna, com um filho que só descobre ter anos depois da morte da mãe do garoto.

Como diria um sábio pensador contemporâneo: “Na prática, a teoria é outra.”. A narrativa de MacGyver é finalizada com um suposto final feliz, ou seja, o ponto final foi posto antes da continuação. Afinal, embora muitas questões pessoais do personagem tenham sido sanadas, resolvidas, finalizadas e integradas, uma nova história começa a partir de então, sem qualquer garantia de felicidade, mas obviamente com uma imensidão de possibilidades. Assim como para Hefesto, que provavelmente tenha mitigado as questões de rejeição filial, mas não foi capaz num primeiro momento de atravessar incólume, mesmo com todo acolhimento encontrado no exílio junto a Tétis e os seus. Em contrapartida, também no campo das

probabilidades, justamente por este acolhimento, talvez tenha sido poupado de cometer matricídio. Quanto à relação com Afrodite, fica evidente que, além das consequências de um casamento arranjado, ambos contribuíram e alimentaram uma experiência tóxica e destrutiva, arrisco dizer que tal desfecho tenha sido inicialmente cunhado pelo próprio Hefesto. Mas também, a seu tempo, o mito também parece apresentar evidências de aprendizado e superação, especialmente nos relacionamentos com Aglaia e Cárís.

Despeço-me, agradecendo a oportunidade em aprender mais do que achei que sabia sobre esse mito, tão querido do meu pensar e do meu coração. E convido você, caro leitor, sem provocação desta vez, a perceber alguma identificação e/ou rejeição com um ou mais personagens deste estudo, e experimentar alguns paralelos, por analogia, com as narrativas de sua própria existência. Atenção, o exercício proposto é terminantemente vetado ao autoflagelo, sendo assim, estritamente destinado como oportunidade de ajustes de rota, de transcendência.

Aproveitem!

Os contatos de todos os colaboradores estão no final da revista, na seção Panteão de Colaboradores. Fica aqui mais um convite: conversem conosco, ficaremos felizes com feedbacks e interações.

Sejam muito bem-vindos!

Até breve!

REFERÊNCIAS

- BOECHAT, Walter. A Mitopoese da Psique – Mito e Individuação. Petrópolis, Vozes, 2009.
- _____ In:STEIN, M. Hephaistos: A Pattern of Introversion. In:Hillman, James(org.). Facing The Gods. Dalas: Spring
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BULFINCH, Thomas O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro, RJ: José. Olympio, 2017.

- _____ (SECG) In:SECHAN, Louis e LEVEQUE Pierre, Les Grandes Divinités de la Grece, Paris: Boccard, 1966.
- CHRISTOS, Giannopoulos. Deuses do Olimpo. Atenas: Karakotsoglou, 2017. (traduzido do grego)
- Coleção Mitologia – Abril Cultural – Editor: Victor Civita. Copyrighty Mundial 1973.

Sites acessados entre 22 e 24 de fevereiro 2021.

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Angus_MacGyver
- <https://www.lexico.com/definicion/macgyver>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quadriga>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hefesto>
- <http://www.maicar.com/GML/Heph aestus.html>

Filmes:

- Seriado – MacGyver, exibido nas décadas de 80 e 90, no Brasil, o nome foi traduzindo para Profissão Perigo; Green Book: O Guia; e Lúcifer.
- # Além do contato com muitas obras sobre mitologia, filosofia e psicologia, especialmente a junguiana.

A QUESTÃO ESPIRITUAL NAS HQs DE THOR

POR GAZY ANDRAUS

Resumo [1]

A arte, como expressão do ser, resgata e aprimora a busca do autoconhecimento, num incessante compartilhamento. As histórias em quadrinhos (HQ), sendo arte, e devido a seu alcance editorial e universal auxiliam nesta manutenção. Os super-heróis, gêneros criados nas HQ, podem metaforizar questões universais, se percebidas de forma mais ampla. Aqui se aborda em especial, Thor, um personagem mitológico adaptado aos quadrinhos e que possui características do herói mítico, daquele que se sacrifica e se aprimora como ser além do humano - o espiritual -, objetivo a que aspira potencialmente cada um dos seres humanos, conforme apontado por vários pensadores como Boff (1997), Campbell (1990), Capra (1990), Espírito-Santo (1996, 1998), Goswami

(2005), Kubrick (1968), Rohden (1982), Santos Neto (2006), Sheldrake (1991) e Ubaldi (1959), além de outros.

Palavras-chave

história em quadrinhos; super-heróis; espiritualidade; memória

Introdução

Em quaisquer expressões artísticas é possível perceber um padrão universal, uma arquetipização cósmica, que se difere apenas nas roupagens.

Algumas correntes antropológicas defendem uma mitologização básica comum, como bem fez perceber Costa (2002), e também Joseph Campbell (1990). Este último, inclusive, ignorou a pequenez do rigor acadêmico cristalizado, e prefe-

riu não mutilar seu senso interno, buscando ampliar suas pesquisas conforme seu coração pedia: quando optou por fazer seu doutorado, acabou não o cursando, pois aquele que teria sido seu futuro orientador lhe pedira para restringir o campo de pesquisa e ação. Campbell, ampliando seu leque, criou um percurso que hoje, paradoxalmente, é trilhado por acadêmicos doutores!

Ele também verificou que os mitos de vários períodos históricos, bem como de vários povos distintos, carregam, em seu íntimo, uma similaridade básica.

Conforme explica Espírito Santo (1996), espiritualidade diz respeito à dimensão transcendente do ser humano, não havendo uma definição racional possível, e sendo independente de religiões instituídas. Tal explicação se coaduna com conclusões atuais acerca da física quântica (Capra, 1990) e da biologia (Maturana, 2001), que imbricam no pensamento oriental taoísta, o qual contempla uma visão epistemológica intuitiva acerca do paradoxo dicotômico existente nos contrários. Para Espírito Santo (1996), sem que se desmembre o aspecto físico do

emocional, e do mental, se agrega o espiritual, que deve ser aglutinado como parte de uma inteireza, ou de uma multidimensionalidade, por assim dizer, parafraseando-se Morin (2004).

No entanto, tudo isto pode ser explicitado por metaforizações... será que a origem do homem poderia ser realmente cósmica, divina, partindo de um período esquecido, ao qual o ser humano necessita voltar, mesmo que não tenha consciência de como fazê-lo?

Pois cogito uma teoria, baseada nestas reflexões apontadas, e que pode ser ilustrada pelo início do filme 2001, uma odisséia no espaço (Kubrick, 1968), em conjugação à Bíblia.

Creio que, similarmente à gênese do homem bíblico, e sua posterior separação do “Paraíso”, há um liame que une tal fato ao monólito, cuja intromissão terrestre altera o curso de consciência dos primitivos hominidas do referido filme.

Adão e Eva foram expulsos porque provaram do fruto proibido: metaforicamente este fruto seria o

princípio do logos, da razão, descrito por Huberto Rohden (1982). Ao criarem consciência de seu próprio ego, o casal começou a trilhar um caminho exclusivo do resto dos seres animais e vegetais, em que não mais respondiam automaticamente à energia cósmica (Deus). Este sentimento fez com que o “livre-arbítrio” abrisse uma nova via no caminho e no fazer do casal. Porém, enquanto agora haveria ação e pensamento próprios do homem, seu tormento por se sentir “órfão” também eclodiu, fazendo-o querer retornar, mesmo sem saber disso, e sem saber como. O “como” se materializou no fazer do ser humano em todas as instâncias, e mais ainda na elaboração da arte, das expressões em geral, e na comunicação. Mas esta comunicação tinha que ser gregária, perpetrada sempre a todos, como forma de difundir o sentimento interno que ainda habitava alguma região da mente do homem, de maneira que ele pudesse compartilhá-la. Tal sentimento interno derivaria do conhecimento cósmico, o qual jazia no homem de forma não percebida. E daí por diante, passa a ser mitologizado, nas mais diversas formas e vestes, mas com um liame em comum.

No referido filme de Kubrick (baseado no livro homônimo de Arthur C. Clarke) a mesma “queda” que ocorreu na Bíblia, se dá: os hominídeos convivem de forma natural, até que surge um gigantesco monólito, cuja forma retangular regular simboliza o princípio da racionalidade, do eu-ego, do pensar de forma destacada (fig. 1). Assim, a partir desse contato, os primitivos têm sua mente alterada, passando de um estágio mais inconsciente a outro com livre-arbítrio (como exemplo, eles criam a “ferramenta” com a utilização do osso como arma).

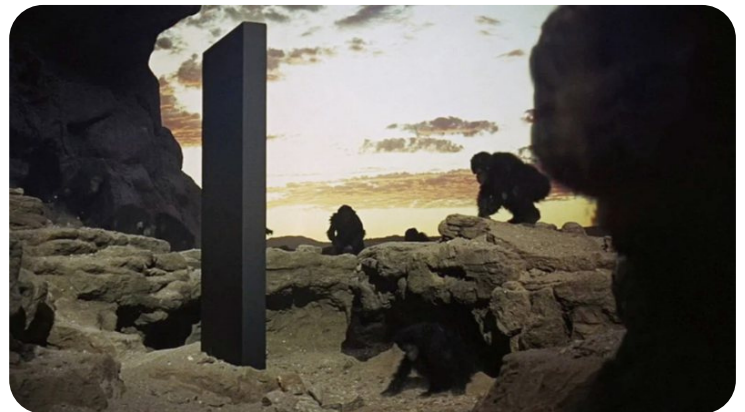


Fig. 1: Cena com o monólito em 2001 de Stanley Kubrick.

Fonte:

<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/monolito-parecido-com-o-de-2001-uma-odisseia-no-espaco-e-encontrado-no-deserto-de-utah/>

“Adão e Eva”, com o erguer da consciência destacada, fizeram despertar igualmente o ego-razão (Rohden, 1982), separando a mente intuitiva daquela que prioriza sua própria vivência imediata, fazendo eclodir seus desejos, assim como aconteceu com os hominídeos do filme de Kubrick.

O resultante disso tudo são as próprias metáforas apresentadas na Bíblia e na realização do livro e filme de Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick, respectivamente.

São também resultado desta mudança consciencial, as primeiras manifestações de se comunicar, com sons grunhidos, e expressões do corpo, bem como através de tintas e desenhos.

Mas é também através do que o homem vê pelos olhos – limitados pelo alcance físico da própria visão –, que lhe vêm as histórias em quadrinhos, a câmera dos cinemas e a das fotografias.

E todas as epopéias humanas contadas em desenhos, pinturas, esculturas, literaturas, filmes e obviamente, os quadrinhos resultam

dessa vontade de retornar... bem como o próprio desenvolvimento da ciência, fruto do pensar-ego-razão também o é.

Assim, as histórias em quadrinhos se apresentam como das primeiras manifestações de arte e comunicação (as “narrativas” das cavernas), e como parte do arcabouço mitologizador da humanidade, como forma de se propagar histórias, imaginários, imagens e movimento. Esta arte seqüencial, como quaisquer formas de arte e expressão, comunica e repete metaforicamente os mitos, cuja base original reside nalgum lugar de nossas mentes intuitivas, que buscam o retorno para o seio da natureza-divinizada.

E no desenrolar desse contexto, elas, as HQ, trazem também desenhos, cada qual com estilos pessoais, embebidos de autoralidade na base do ego-razão de cada pessoa que as executam, mas também com base no auscultamento da mente-intuição, que reside universal a todos nós. Este, por exemplo, é o caso de algumas criações no universo quadrinhístico, como os super-seres da mitologia norte-americana, simbolizando e metaforizando o al-

cance da alma de cada um de nós, meros mortais no aspecto físico, mas imortais no psíquico-mental cósmico, segundo as probabilidades da física quântica (Capra, 1990; Goswami, 2005).

Super-seres e a saga humana

Com base na metáfora espiritual da queda de Adão e Eva, ou como se exemplifica a partir da intromissão extraterrestre do monólito retangular, interferindo na psique dos primitivos em 2001, uma odisséia no espaço, eis que surgem alguns exemplos, como nas histórias em quadrinhos de vários super-seres, como Super-Homem, Surfista Prateado e em especial do Poderoso Thor - este na versão do autor Stan Lee.

Ao “descer” na queda paradisíaca, devido ao ingresso na mente do conhecimento racional e egóico, nós que éramos deuses, ou parte da divindade (Ubaldi, 1959) nos tornamos apenas potenciáveis (Rohden, 1982). Assim, os mitos e histórias que criamos são mecanismos que a mente forjou para resgatar e reaproximarmos da origem (do paraíso perdido, quando a mente do homem era igual a de um

animal, ou seja, sem livre-arbítrio, mas imerso na natureza, portanto sem a consciência destacada (Costa, 2002); ou a que os religiosos não fundamentalistas podem crer ser a metáfora da maçã e da queda de Adão e Eva e a expulsão do “paraíso” - ou seja, mente destacada, o princípio do ego.

Assim, nas histórias em quadrinhos, os heróis que foram criados, no caso deste exemplo, que são Surfista Prateado, Thor e Super-Homem, simbolizariam a saga humana-divina. Para este momento, enfoca-se a versão dos quadrinhos para a lenda do deus nórdico do trovão.

A questão crística em Thor: o deus esquecido

O deus Thor, o mais importante da mitologia nórdica, era filho de Odin, e habitante de Asgard. Em sua origem, era arrogante e de mau temperamento. Associado a trovões e relâmpagos, sempre vive em lutas contra os gigantes e seu apetite é imenso e na língua inglesa seu nome original remete à “quinta-feira” (“Thursday” como uma variante de “o dia de Thor”).

Mas na versão das histórias em qua-

drinhos (HQs) de Stan Lee, Thor, embora também arrogante, teria bom coração mas precisava despertá-lo (ou desenvolvê-lo). Foi assim que, nos gibis, seu pai Odin retirou sua memória e o colocou como um médico manco no planeta Terra, a fim de aprender a humildade. Pensando ter descoberto por acaso o martelo Mjolnir, o então médico Don Blake

passa a dividir seus afazeres entre a profissão e o super-heroísmo. Muito tempo depois, quando seu "carma" já estaria equilibrado e ele já se mostrava bem humilde e fraterno para com os outros humanos, Odin lhe redesperta a memória e o faz saber que ele não é um mero mortal, e sim um deus real (fig. 2).



Fig. 2: A Origem de Thor nos quadrinhos - Fonte: LEE, Stan; KIRBY, Jack. A verdade, afinal. In: Heróis da TV, nº 5, pp. 28 e 47. Abril: São Paulo, Nov. 1979

A meu ver, uma metáfora da espécie humana: nós “descemos”, e nos esquecemos de nossa origem... agora devemos nos lembrar, como aponta Sheldrake (1991), Espírito-Santo (1998) e Ubaldi (1959)!

O superior, realizável no homem

Por fim, enquanto Donald Blake, o personagem e contraparte “humana” do deus em potencial, Thor, exemplifica a metáfora usada por Leonardo Boff (1997) acerca da águia e da galinha em seu livro homônimo. Blake é um médico, utilizando pouco suas qualidades, que são ultra-humanas (incluindo a possibilidade de voar). Ele assim se porta enquanto travestido de doutor que cuida da saúde das pessoas, mas enquanto ser de altas esferas (proveniente do Reino Dourado de Asgard), de certa maneira veio de outra esfera, outro plano (ou “planeta”), após ser obrigado por seu pai a cumprir uma etapa sofrendo as agruras que os humanos sofrem (a “queda” como se um anjo caído ou Adão “expulso” do Paraíso, mesmo que temporariamente), e não pode ser reconhecido, pois tem superinimigos que poderiam fazer mal a seus amigos humanos. Sua missão é a de se doar e ajudar a todos (tal qual a crucificação de Cris-

to), como visto na fig. 3.



Fig. 3: A essência bondosa da versão de Thor nos quadrinhos. Fonte: LEE, Stan; ADAMS, Neal. No Reino de Mefisto. In: Heróis da TV. n. 17, p. 89. São Paulo, Abril, 1980.

Mas sua mente é limitada, pois fica preso aqui, enquanto desconhecia seu potencial divino. Portanto, ele ainda é uma "galinha", como todo ser humano que não compreendeu seu

potencial cósmico (e que nem sabe que tem). Mas quando finalmente ele “paga” com seu orgulho tendo sofrido como um humano e médico que auxilia outros e que ainda é manco, seu pai lhe revela, finalmente, sua origem divina, e deixa o herói em potencial de ser momentaneamente galinha para se alçar como águia: porém, estas incursões continuam “escondidas”, e se dividem com outros momentos em que ele se “disfarça” de Don Blake, ou seja, de humano, de “galinha” em potencial não realizado, ou em vias de se realizar.

Ele simboliza, então, o ser humano que tem o potencial, mas o usa muito pouco enquanto em “Midgard” (Terra), limitadamente. Para Boff (1997), todo homem e mulher são como a partícula atômica: podem se portar como matéria ou como onda. Como matéria, se localiza num espaço-tempo. Como onda, espargese em quanta [2]. São probabilidades de existir. Para Amit Goswami (2005), a alma humana é onda, e o corpo físico em que ela está representada provisoriamente, é um momentum físico por ela escolhido para realizar sua evolução. Quando o corpo morre, a alma se porta exclusi-

vamente como a onda novamente, e pode navegar até outro momento em que poderá ser escolhido um novo corpo físico.

Da matéria à luz, do hilo ao hilotropismo

Assim, como os super-heróis criados e metaforizados, todos nós agimos como galinha, mas esconderíamos (como superseres) uma identidade que devemos (re-)descobrir: a de que somos águia, podendo voar (ascender em outros níveis), quânticos, embora nem pensemos nisso por nos encontrarmos “galinha”: o potencial do homem hilo-holotrópico de Stanislav Grof (Santos Neto, 2006). Grof crê que a psique humana tem dois chaveamentos; o da consciência desperta normal, equivalente ao hilotropismo (significando aquilo que se move em direção à matéria), e o chaveamento do holotropismo (que significa mover-se ao todo, ao universo).

A Física Quântica (Capra, 1990) difere-se da clássica: para esta, a luz é algo que se esparge em todo o lugar de uma vez, e toda ação tem uma reação contrária. As coisas funcionam como uma máquina mecânica, como peças de engrenagem.

Através de experimentos com reflexão e refração de luz, descobriu-se que as partículas microatômicas se apresentam em duas possibilidades mensuráveis: como corpúsculos físicos mesmo, e também como frequências de luz (nesse caso, em pequenos pacotes, os quanta, que dão a ilusão do todo da luz). Mas para se definir qual se apresenta, a escolha do pesquisador é que resultará na decisão da micropartícula. Ou seja, a probabilidade e a tendência a se existir está para o desejo e a influência que o cientista vai escolher para a medição: pense que numa floresta está uma árvore que tomba, e não tem há ser humano lá. A árvore faz ou não som, ao colidir no solo?

Na verdade, embora ela faça o som, sem a consciência do homem como testemunha, o fato não se torna passível de reflexão.

O enigma da micropartícula ser um paradoxo causou um grande problema aos cientistas, pois se tornou não respondível racionalmente: como pode uma coisa ser a outra ao mesmo tempo? E mais, descobriu-se que as coisas se influenciam, independentemente de estarem próximas: é como se a distância não fizesse efei-

to. E a ciência fractal completou o jogo com seu efeito-borboleta: se um lepidóptero bate asas aqui perto, variáveis de detalhes podem corroborar para a pequena lufada de suas asas levarem a criar um tufão no Japão (isto seria o equivalente às influências que as pessoas têm sobre as outras: se alguém principia uma pequena briga, talvez seja o causador de uma guerra, depois, sem saber disso. Por outro lado, se outrem mantiver a amizade, a paz estaria assegurada).

Enfim, a física quântica desbancou a lógica cartesiana clássica, ao propor que as coisas em realidade são átomos e elétrons (e outras micropartículas) em interação total em grandes espaços vazios. Os átomos de uma cadeira têm espaços entre si: o que os sustenta naquela configuração? O mesmo que sustenta a água e a luz: frequências de vibração e interatividades atômicas.

Assim, a matéria não é mais o que se pensava. Ela tem vãos, vazios.

Os paradoxos que o pensamento taoísta contempla não parecem meras elucubrações fantásticas ou devaneios. A religiosidade [3] espiri-

tual, conforme alerta Espírito Santo (1996, 1998), é parte de nossa complexidade estrutural, que abarca o físico, emocional, intelectual e espiritual.

Para Goswami (2005) a mente não é fruto do cérebro. O cérebro é a "materialização" da mente, como a pedra seria a contra-parte da luz: tudo é luz, mas em estágios diferentes de velocidade vibracional. Assim, a pedra seria luz "coagulada". Percebe-se então que o homem interfere na ordem natural da vida (lembre-se do pesquisador que precisa escolher se elege a onda ou a partícula). A mente humana está alcançando uma consciência maior, cósmica, e já pode saber que não é inócua, e, portanto precisa se abrir para algo novo: a doação de si mesmo, o sacrifício final, a entrega de seu livre-arbítrio, conforme se verificou travestido na versão metaforizada do potencial humano, com o super-ser divino Thor... fruto da mente de humanos em vias de se superarem, e que nos comungam tais desígnios, partilhando-nos estes arquétipos universais.

Considerações

Apesar de neste artigo exemplificar-

se com este personagem em sua versão superheroística e suas sagas ficcionais com questões abordando narrativas da Bíblia cristã, este artigo não limita espiritualidade a apenas uma ou outra religião específica, como se verificou, mas abre os significados conforme a possibilidade de relacioná-los metaforicamente, tendo se utilizado, neste caso, mais apropriadamente de fatos apontados na Bíblia tradicional cristã, mas também de filmes de ficção científica (no caso, "2001 – uma odisséia no espaço"), para um melhor e mais profícuo entendimento. Porém, o trabalho aqui exposto bem poderia traçar semelhanças de traços nos personagens e suas sagas com outras obras, como nos próprios heróis Surfista Prateado e Super-Homem, bem como em heróis indianos que porventura se relacionam ao Baghavad Ghitá, sagrado livro hindu, dentre outros. Isto dependeria de um estudo mais minucioso, conforme elaborou Campbell (1990) em suas explicações acerca da semelhança básica em comum do conteúdo mítico de diferentes nações, travestido de roupagens outras e caracterizações aparentemente distintas mas de bojo profundamente similar entre elas. Por ora, a metáfora de Thor nos quadri-

nhos serve francamente a exemplificar o potencial do humano que se esquecera de sua origem “divina” e potente (conforme Jesus Cristo apontava o plenipotencial humano, segundo Rohden), mas que, ao aprender a humildade, resgata sua divindade!

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. A Águia e a Galinha - Uma metáfora da condição humana. Vozes: Petrópolis, RJ, 1997.
- BEZERRA, Juliana. Thor. Toda matéria. s/d. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/thor/>> Acesso em 18/02/2021.
- CAMPBELL, Joseph (com Bill Moyers). O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix, 1990.
- COSTA, Maria Cristina Castilho Cristina. Ficção, Comunicação e mídias. São Paulo: Senac, 2002.
- ESPÍRITO-SANTO, Ruy César do. O renascimento do sagrado na educação. Campinas-SP: Papirus, 1998.
- ESPÍRITO-SANTO, Ruy César do. Pedagogia da Transgressão. Campinas-SP: Papirus, 1996.
- GOSWAMI, Amit. A física da alma. São Paulo: Aleph, 2005.
- KUBRICK, Stanley (dir.). 2001: Uma odisséia no espaço. EUA: 1968.
- LEE, Stan; KIRBY, Jack. A verdade, afinal. In: Heróis da TV. N° 5. pp. 28 e 47. Abril: São Paulo, Nov. 1979.
- LEE, Stan; ADAMS, Neal. No Reino de Mephisto. In: Heróis da TV. n. 17, p. 89. São Paulo: Abril, Nov. 1980.
- LEXICON, Herder. Dicionário de símbolos. Ed. Cultrix, São Paulo, 1992.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Palas Athena, 2001.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2004.
- NÓVOA, António. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In FAZENDA, Ivani (org). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1995.
- ROHDEN, Huberto. O homem e o universo. São Paulo: Alvorada, 1982.

- SANTOS NETO, Elydio dos. Por uma educação transpessoal. A ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof. São Bernardo do Campo: Metodista; Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- SHELDRAKE, Rupert. O renascimento da Natureza.: o reflorescimento da ciência e de Deus. São Paulo: Cultrix, 1991.
- UBALDI, Pietro. O sistema. São Vicente: Grupo editorial Monismo, 1959.

[3] Religião deriva do latim, religare, e não se limita aos ditames apregoados pelas instituições religiosas (ou que se passam por tal), mas sim, refere-se a um reatamento atávico do humano com algo transcendente, livre de dogmas restritivos.

NOTAS

[1] Trabalho reestruturado apenas ao personagem Thor e a partir do artigo A questão espiritual em Thor, Surfista Prateado e Super-Homem apresentado ao NP Produção Editorial, no VII Encontro Nacional Local do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal-RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

[2] A menor quantidade de energia que pode ser emitida, propagada ou absorvida, em pequenos "pacotes" de energia.

RAMAYANA – ENTRE O BEM E O MAL

POR ANDREA PRIOR

Tão antigo - talvez mais do que imaginamos!... - quanto a própria humanidade, o Ramayana é considerado um dos épicos mais importantes do Oriente. Escrito em algum momento durante o período do século VI a III a.C (apesar de que sua tradição oral deva ser bem anterior a essa data), a versão original do Ramayana possui 25 mil versos em sânscrito, e é atribuída ao sábio Valmiki. Várias outras versões surgiram a partir desta, ampliando sua zona de abrangência para outros locais, como Tailândia e Indonésia.

A palavra Ramayana pode ser traduzida como o “caminho de Rama”, ou, de forma mais apurada “sendo Rama”. Aqui constatamos uma das peculiaridades do hinduísmo, que instiga nossa busca pela divindade, não somente de modo externo, mas

principalmente de modo interno, ao ativar a centelha divina existente em cada um de nós.

A trama central tem cenário em outra era - *yuga* [1]- e nos apresenta um mundo assolado pela ação dos *rakshasas*, seres que tem o dom da ilusão e se alimentam de carne humana. Na cidade de Ayodhya, no norte da Índia, nasce o Príncipe Rama, sétimo *avatar* [2] do deus Vishnu e seus irmãos. Vivem felizes, até que uma intriga palaciana obriga Rama e sua esposa Sita, encarnação da Deusa *Lakshimi* [3], a deixarem a cidade e viverem no exílio na floresta, por 14 anos. Lá, depois de algum tempo, acontece o rapto da princesa pelo “demonarca” Ravana, rei dos *rakshasas*, que a leva para a ilha de Lanka. Com a ajuda de um exército de macacos e ursos, e tendo

Hanuman [4], o deus-macaco, como seu amigo e aliado, Rama empreende uma guerra para resgatá-la. Após dias de batalha, Rávana, que era aparentemente imortal, sucumbe com as flechas de Rama, e o casal retorna vitorioso para sua cidade.

Como todo épico, este também origina-se de uma compilação de várias histórias anteriores, contadas de tempos em tempos pela tradição oral, de geração em geração, até se converterem nesse amálgama surpreendente que é a epopéia. Com efeito, uma miríade de histórias paralelas cobre o texto, apresentando em dado momento uma narrativa que de alguma forma tem relação com aquela passagem específica. O autor nos avisa disso, dizendo por exemplo: “Escuta Rama, há muito tempo, neste eremitério [1]...”

O período de reinado de Rama é chamado *Ramarajya*. O povo hindu implica nesse conceito uma sociedade que é baseada na justiça, verdade, igualdade e castidade de homens e mulheres, retidão, moralidade, nobreza, bondade, humildade e valor.

O grande líder Gandhi baseou inúmeras de suas ações na luta pela independência da Índia em preceitos antigos hindus como a não violência, e muito sobre a forma correta de governo à luz dos ensinamentos que constam na epopeia *Ramayana*. Fervoroso devoto de Rama, dizem que suas últimas palavras, foram: *Ram, Ram!* - antes de cair ao solo, atingido pela bala disparada pelo assassino.

O reinado de Rávana, por outro lado, ilustra um governo onde a pretensa imortalidade de seu governante conduz ao abuso do poder. Ainda que promova bem estar ao seu próprio povo, imprime violência e terror aos outros, concentrando poder demais em suas mãos e levando, portanto, aos distúrbio do *Dharma* [6]. Rávana obteve de Brahma o dom da imortalidade, ao sacrificar cada uma de suas cabeças ao final de cada era. No momento em que ia atirar a décima e última cabeça ao fogo, o próprio deus da criação aparece à sua frente, dizendo:- *Pára! Peça-me o que quiseres!* Diz ele. Rávana pede a imortalidade, que era o que ele buscava desde o início. O deus Brahma não podia conceder esse pe-

dido de maneira absoluta, mas acaba por conceder ao demônio o dom de não ser morto por nenhum homem ou deus, tornando-o praticamente imortal.

A história do Ramayana ilustra uma série de conceitos espirituais hindus em sua tradição filosófica. A operação cósmica do universo é controlada por uma força de acordo com a inteligência divina, isto é, o plano divino alcança seu objetivo por meio das ações humanas. Assim é que Vishnu desce à terra na forma de Rama, o príncipe arqueiro, meio divino, meio humano, e portanto apto a derrotar Rávana. O objetivo divino é a sua derrota e o restabelecimento do Dharma.

O Ramayana nos mostra que estamos num plano de existência em que o dualismo impera: dia e noite, luz e sombra, bem e mal. Ninguém escapa à essa realidade, assim como ninguém escapa às leis do *karma* [7], nem mesmo os deuses!

Em muitas passagens da epopeia essa realidade se apresenta: a esposa de Dasharatha, rei de Ayodhya, salva sua vida (bom *karma*) e se torna sua rainha. A morte do rei por tristeza é fruto de suas ações anteriores. Sita,

ao desejar um inocente animal - a gazela dourada - conduz à situação de sua própria abdução. Rama, ao abandonar Sita, perde a guerra contra seus próprios filhos, e perde para sempre a companhia da amada esposa, que retorna para a Mãe Terra.

O Ramayana ilustra o conflito entre o bem e o mal, e, finalmente, a vitória sobre este último.

Mas há realmente essa separação tão nítida e precisa entre o bem e o mal? As ações de Rama são todas boas? As de Rávana, todas más?

De acordo com os *Upanishad* [8], "não há nada absolutamente bom e não há nada absolutamente mal".

Esse pensamento aparece também no Bhagavad Gita - um dos livros do Mahabharata e considerado a "Bíblia" indiana - quando *Krishna* [9] revela à Arjuna - outro príncipe arqueiro - essa mesma ideia.

Todo o universo é a manifestação de *Brahman* [10], que transcende a ideia tanto de bem quanto de mal. Assim, os conceitos de bem e mal são válidos somente no mundo fenomenológico, que existe num equilíbrio é considerado bom e o que quer que o perturbe, é considerado mal. Por seus

atos, Ravana é a encarnação do mal, símbolo do ego desenfreado, e sua morte por Rama restaura o equilíbrio do Dharma.

Assim como o Mahabharata, o Ramayana é um poema épico, cujos versos, dizem, foram inspirados em sua métrica poética por um pássaro, escutado pelo autor num período em que este encontrava-se em meditação profunda.

Vale a pena lembrar aqui a história de Valmiki, o autor do Ramayana, que é tão lendário quanto a própria obra... Ela talvez nos lance luz à questão de que mesmo tendo feito o mal, vale a pena fazer o bem, preservar a vida e as gerações que estão por vir.

Dizem que as condições de vida de Valmiki o levaram por um caminho desvirtuado, e ele acabou por se tornar um salteador das estradas, roubando aqueles que passavam desavisados. Tempos depois, desgostoso da vida, decidiu afastar-se das coisas do mundo, retirando-se em meditação. Ficou por tanto tempo numa só postura que um formigueiro formou-se à sua volta, deixando somente os seus olhos para fora. Num dia, o santo *Narada* [11] desce à Terra para avisá-

lo que uma mulher grávida de gêmeos encontra-se em perigo, prestes a cometer suicídio atirando-se no Rio Ganga. Valmiki, desesperançado, retruca, dizendo que esse mundo não vale mesmo a pena de se viver... Diga-me o nome de um único ser humano virtuoso e talvez eu mude de ideia! Narada não perde tempo e dá a resposta: - Rama! Valmiki se desprende imediatamente do formigueiro, e resoluto, vai ao encontro de Sita, impedindo que ela se mate e aos seus filhos.

Rama!

Valmiki reconheceu o nome de imediato. Era o nome que o pássaro havia cantado tantas vezes...

REFERÊNCIAS

- BUCK, William. O Ramayana / o clássico poema épico indiano recontado em prosa por William Buck; São Paulo: Cultrix, 2011.
- BUCK, William. O Mahabharata / o clássico poema épico indiano recontado em prosa por William Buck; São Paulo: Cultrix, 2014.
- PRIOR, Andrea. Lendas Indianas - Pequenas Grandes Histórias da Terra Milenar. São Paulo: Salesiana, 2010.

NOTAS

[1]Yuga – ciclo cósmico. A história do Ramayana acontece na segunda idade dos mundos, a Treta Yuga. Estamos agora na quarta era, KaliYuga.

[2]Avatar – literalmente aquele que vem, ou aquele que desce. Encarnação divina com a missão de preservar o Dharma. Vishnu, deus da manutenção, possui na tradição hindu 10 avatares, sendo Rama a sétima. A décima, Kalki, ainda está por vir.

[3]Lakshimi é a deusa da fortuna, saúde e beleza, consorte de Vishnu.

[4]Hanuman, filho do vento e de uma macaca, é talvez o herói mais famoso dessa epopeia, logo atrás da personagem principal, e é considerado por muitos como uma manifestação do deus Shiva.

[5]Eremitério: local onde vivem os eremitas, normalmente sábios e santos, com suas esposas.

[6]Dharma – conceito norteador no campo da ética oriental, inclui normas de conduta e de vida tanto do cosmos quanto da humanidade. Representado por uma roda que sem-

pre gira.

[7]Karma – da raiz “kr” literalmente “fazer”. Ainda que no ocidente a palavra tenha adquirido significado de relação com o passado ou com outras vidas até - outras encarnações -, no hinduísmo original ela assimila igualmente noções de ação no momento presente, e suas respectivas consequências.

[8]Literalmente: “sentar-se próximo”

[9]Uma das divindades mais adoradas na Índia atual, considerado o oitavo avatar de Vishnu.

[10] O absoluto, o princípio por trás do universo, espírito universal. Não confundir com Brahma, deus da criação.

[11]Narada – santo celestial, ser divino que consegue deslocar-se com facilidade por todos os mundos.



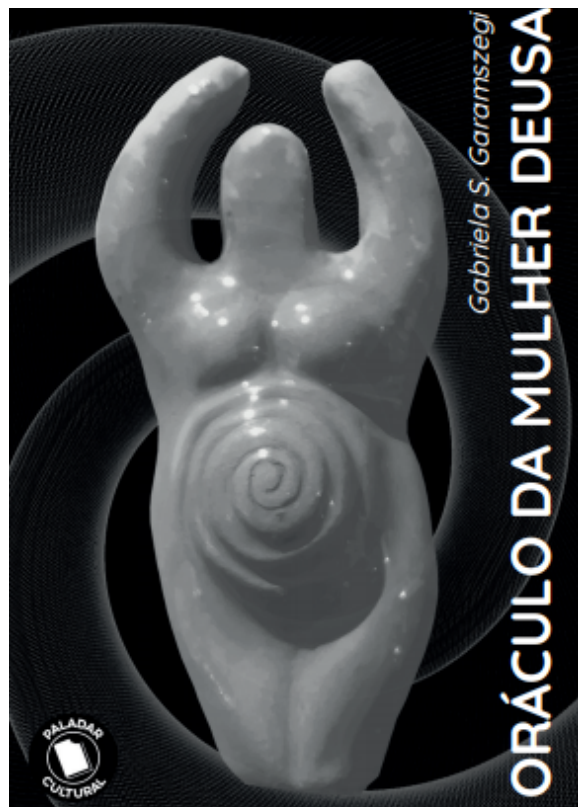
LIVRO: ORÁCULO DA MULHER DEUSA AUTOR: GABRIELA S. GARANSZEGI

POR LARISSA DIAS

Quando recebi o livro "Oráculo da Mulher Deusa" eu já conhecia parte da história de sua criação e também a autora. Isso me fez saber de imediato que o que viria dali seria algo profundo.

Para começar, é importante dizer que quando falamos de um oráculo, pensamos inicialmente no seu sentido divinatório, de "adivinhar o futuro". Porém, o que os oráculos de todas as culturas fazem é se conectar às vias que acessamos pouco, tornando-se capazes de trazer informações que não seguem as leis naturais do espaço/tempo. Por isso podem surgir informações que orientem questões "do futuro".

Ao começar a ler as páginas deste oráculo, a primeira coisa que me chamou a atenção foi que ali tinham mulheres reais, com as quais é possível obter uma identificação quase que imediata. Cada sorriso, cada olhar que aparece no oráculo é capaz de trazer à tona uma vida vivida com amores e dores, que qualquer um de nós também está su-



jeito. "Mulheres deusas e deusas mulheres", como diria a sábia contadora de histórias e escritora Carmelina Piza. Essa concepção serve tanto para o feminino quanto para o masculino, pois em sua raiz quer dizer que toda pessoa tem uma divindade dentro de si, conceito que existe em muitas mitologias do mundo todo.



Cada deusa é acompanhada de uma imagem fotográfica e uma frase que mostra muito da essência da energia divina que representa. São frases curtas e diretas, mas que carregam uma profundidade imensa, uma profundidade que, se pararmos para refletir, pode nos tomar muito tempo em uma autoanálise sobre o conselho que cada deusa traz.

Ali existem frases de uma energia jovem e de nascimento, de uma energia mediana e de manutenção e, de uma energia antiga e de morte e renovação. Saber aproveitar todas essas energias em cada momento da vida é algo extremamente importante, e este oráculo nos mostra o caminho.

Como todo trabalho que pretende ser terapêutico, durante seu processo de criação muitas sincronicidades (coincidências com um certo propósito energético) aconteceram, além de processos de cura terem se concretizado durante essa criação, e isso tem a ver com a experimentação necessária à experiência, pois quando se decide trabalhar com essa energia,

ela começa a agir na nossa psique e a simplesmente "acontecer".

Assim, esse oráculo traz muito além do que simples conselhos, mas momentos preciosos de reflexão sobre os caminhos pelos quais a vida nos conduz, e mostra que, acima de tudo, sempre existe uma saída para nossos momentos mais difíceis, assim como sempre existe uma reentrada após nossos momentos de maior alegria. Afinal, a vida é um ciclo em espiral, como bem representa a bela imagem da escultura da deusa arcaica - feita pela própria autora - e que ilustra a capa do livro, remetendo aos processos de finitude e continuidade da vida.

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA DO LIVRO E DA RESENHA NA SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES



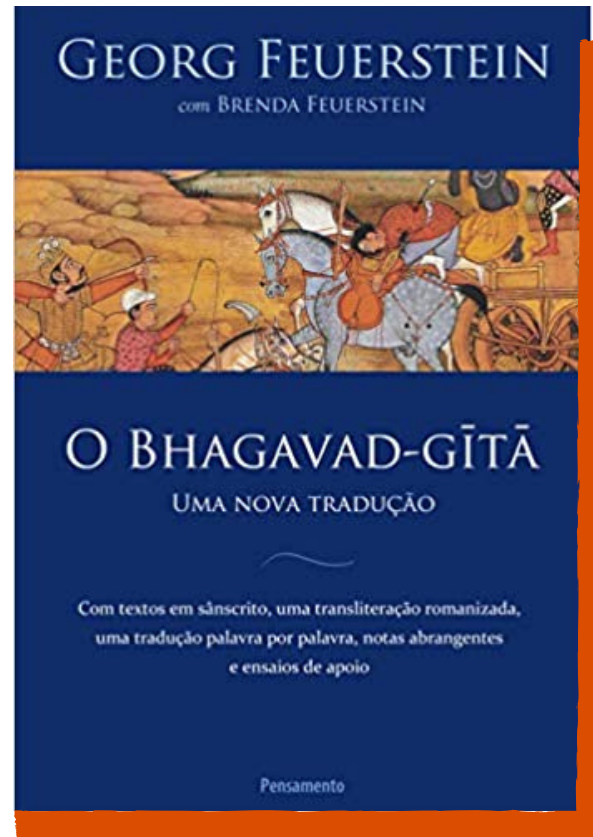
LIVRO: O BHAGAVAD-GÎTÃ AUTOR: GEORGE FEUERSTEIN

POR LARISSA DIAS

Quem conhece mitologia hindu sabe que o Bhagavad-Gîtã é um dos livros de grande importância sobre esta mitologia. Quem não conhece, talvez conheça Raul Seixas e sua música "Gita", na qual ele traz trechos adaptados desse diálogo hindu de uma beleza única.

Nesse mês, em que ocorre o festival hindu Ramayana, poderíamos apresentar uma resenha deste livro, mas, assim como quando vi o exemplar do Gita e soube que ele seria importante e precisei comprá-lo, este mês foi ele que quis se mostrar na Biblioteca de Thoth.

Tanto Ramayana quanto Mahabharata são clássicos da mitologia hindu, poemas épicos de grande beleza e com um conhecimento arraigado em cada palavra. O Bhagavad-Gîtã é na verdade um trecho extraído do épico Mahabharata, no qual, em um diálogo ímpar, o deus Krishna fala com o guerreiro Arjuna sobre a sua missão na batalha contra os inimigos, que, naquele caso, são seus parentes.



Em um momento onde a consciência de Arjuna pesa por ter que enfrentar e talvez até matar seus parentes durante a batalha, Krishna, que dirigia seu carro de guerra, diz com muita sabedoria, as seguintes palavras:

"Sou o tempo, poderoso autor da destruição do mundo, dedicado aqui a



aniquilar os mundos. De todos estes guerreiros enfileirados nos exércitos antagônicos, Tu somente estarás vivo após a batalha.

Portanto, levanta-te e conquista a glória! Subjugando os inimigos, goza de um próspero reinado! Em verdade, todos eles já foram mortos por Mim. Sê Meu instrumento, ó Savyasācin!"

(Savyasācin é um arqueiro que maneja o arco com a mão esquerda).

Para compreendermos essa passagem fora do contexto, é importante mencionar que na mitologia hindu existem três forças que comandam o universo: uma força é a de criação, representada pelo deus Brahma; outra é a de destruição, representada pelo deus Shiva; e a terceira é de manutenção, representada pelo deus Vishnu.

Quem fala ao herói Arjuna é Krishna, que na verdade é um avatar do deus mantenedor Vishnu. Mas, com essa fala bélica, poderíamos pensar que seria mais adequado que fosse Shiva, o destruidor, quem deveria dizer essas palavras, não?

Porém, nesta parte do épico, Vishnu estava tentando manter a ordem por meio dessa batalha, uma vez que as famílias estava em guerra há muitos anos e o lado oposto ao de Arjuna havia desequilibrado a ordem natural do universo.

As nuances da mitologia hindu nem sempre podem parecer "lógicas" para mentes ocidentais, mas este livro nos brinda de uma forma incrível com palavras de sabedoria, para que possamos conhecer um pouco mais da forma cíclica de como funciona o universo, segundo a mitologia hindu.

Aproveitem e desfrutem!

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA DA RESENHA NA SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES

VITROLA DE ORFEU



ARTISTA: OLAM EIN SOF

MÍDIA: 20 ANOS NO MUNDO INFINITO

POR MARCELO MIRANDA (OLAM EIN SOF)

A tradução literal de Olam Ein Sof é "Mundo Infinito". No início, quando um amigo sugeriu vários nomes e escolhemos este, ele havia traduzido como *Mundos dos Infinitos*, mas depois descobrimos como seria a tradução de fato. No início do duo, em 2001, ao assumir esse nome não tínhamos a dimensão do que iria nos proporcionar em cada ano subsequente, até chegar nos dias atuais. De forma cada vez mais natural e orgânica, essa expansão vem acontecendo em nossas vidas pessoais, como reflexo direto no trabalho musical do duo, que é de uma extensão do nosso dia-a-dia, ou o nosso dia-a-dia se tornou uma extensão do duo - por muitas vezes não dissociamos o Marcelo e a Fernanda do Olam Ein Sof, e vice-versa.

Assim, a nossa percepção da arte tornou-se cada vez mais infinita, transcendente, transformadora; e a ideia inicial de montar um duo de violões para interpretar música antiga e contemporânea (períodos que mais gostamos da música "erudita"), além



de algumas composições autorais, logo expandiu, absorvendo muitas influências, não somente da música, mas também de diversas espiritualidades, mitologias, história, cosmos, dança, artes visuais, teatro, enfim, a arte no sentido mais plural.

Em 2002 lançamos nosso primeiro registro, um CD demo autointitulado, com quatro composições. Como o Marcelo, na época, estava em plena atividade com sua banda de black metal, Arum, a divulgação do CD de-

VITROLA DE ORFEU



mo foi prioritariamente na cena metal, mas também foi enviado para outros fanzines alternativos e algumas secretarias de cultura. Assim, inesperadamente, o duo teve o convite para realizar um dos seus primeiros concertos, em um projeto da Cultura de São Bernardo do Campo em um dos teatros da cidade. Nessa época, utilizávamos um palco escuro, com bastante velas e incensos, pintávamos o rosto de branco; na instrumentação somente os violões e a voz da Fernanda. No primeiro show no teatro, após o concerto, como de praxe, as pessoas vinham nos cumprimentar, e um rapaz agradeceu muito a nós, dizendo que fez uma conexão com outras dimensões durante a nossa apresentação. Naquele momento, isso acabou chamando um pouco a nossa atenção, pois apesar de já estarmos conectados a algo espiritual, ainda pensávamos muito no duo somente na sua forma musical, que a música deveria agradar por sua qualidade técnica, que tínhamos que tocar bem, sem "errar", estar extremamente concentrados... com esse depoimento, uma semente, mesmo que na épo-

ca ainda estranha para nós, começou a revelar algo mais profundo, que viríamos a buscar em nosso trabalho.

Enquanto finalizava as composições para nosso primeiro álbum completo, isso no ano de 2003, por causa de alguns shows que fazíamos, conhecemos pessoas de diversas tribos, e alguns começaram a falar que remetíamos à música celta, algo sobre o qual não conhecíamos nada na época, até que, em uma livraria no centro de São Paulo, nos deparamos com o Livro Celta dos Mortos, o qual achamos interessante e compramos. Ao ler, entendemos um pouco sobre essa jornada pelo outro mundo, desse povo que acabávamos de descobrir (ou redescobrir), e resolvemos fazer uma associação com as músicas que já estavam prontas para esse primeiro lançamento. Assim surgiu o "Immram", nosso debut CD, que foi lançado de forma independente em 2004, no qual cada uma das treze músicas mostram um estágio na saga de um guerreiro até a sua morte, terminando com a ascensão de seu futuro herdeiro.

VITROLA DE ORFEU



Logo depois, em 2005, foi lançado o segundo CD, "Celtic Mythology". Nesse ano iniciamos nossa participação junto ao grupo "Medieval Brasil", formado por amantes da arte medieval, em que cada integrante ou grupos contribuía com seu talento. Eram artesãos, figurinistas, gastrônomos, couteiros, dançarinos, e nós entramos com a música. Acabamos participando de diversos eventos temáticos, como feiras medievais. Nesse período também travamos conhecimento com pessoas da wicca e do mundo místico, adentrando também neste universo.

Nesses eventos, conhecemos o Marcos Reis, que se tornou grande amigo. Ele começou a tocar percussão com o Olam Ein Sof. Ficamos por um período como trio, e no início de 2007 resolvemos chamar o David Suria, que tocava com o Marcelo na banda de metal, para tocar baixo. Acabamos realizando vários shows como quarteto, inclusive participando do Festival de Inverno de Poços de Caldas, uma grande conquista para o grupo.

No ano seguinte o Marcos saiu do

grupo e resolvemos continuar como um trio. Assim, demos início à produção do próximo trabalho, que seria o nosso terceiro CD, e, nesse ano de 2008, fizemos o primeiro intercâmbio cultural com a banda La Montaña Gris, da Colômbia. Nós os recebemos, fizemos um minitour em nossa região e criamos um grande laço de amizade e parceria artística. Com eles, conhecemos mais ainda a Irish Music, que depois veio a somar mais conhecimento e influência ao nosso caminho.

Em 2010 lançamos o "Ethereal Dimensions", que trazia toda a nossa influência, porém já deixando a parte cósmica bem evidente em nosso trabalho, trazendo mais ainda a parte lírica a essa conexão com o universo. Nesse ano, fizemos nosso primeiro tour internacional, na Colômbia, uma bela retribuição dos amigos do La Montaña Gris. Tocamos em diversas cidades e participamos de várias entrevistas em rádio, TV e Web. Porém, no final desse ano, o baixista David precisou sair do grupo, e assim resolvemos voltar a ser de fato o que era o Olam Ein Sof: um duo.

VITROLA DE ORFEU



O ano de 2011 foi um momento em que tivemos a primeira experiência com dança em nossos shows. Até então, já tínhamos tido essa integração, porém de forma mais espontânea, em eventos acompanhando dança circular ou em saraus onde havia integração de várias artes. Nesse momento tivemos então a chance de ter uma bailarina de fato coreografando nossa música. Foi uma ação que nos agradou muito, e que desde de então foi muito recorrente nos anos seguintes, nos quais tivemos várias parcerias com a dança. Também esse ano tivemos a oportunidade de ter músicos convidados, não como integrantes oficiais, mas como músicos que esporadicamente nos acompanhavam. Foi o início da realização também de arranjos para formações com clarinete, cello, violino, flautas entre outros. Ainda, somando-se aos instrumentos, além dos violões, que já estavam se incorporando ao duo, também mandolin, charango e flauta doce.

No ano de 2012 iniciamos o projeto que até hoje nos acompanha em paralelo ao nosso trabalho autoral,



que é o "Cantigas de Reis, Trovadores e Peregrinos". Esse projeto foi o início do nosso aprofundamento na pesquisa da música medieval, que veio tomando forma e profundidade nos anos seguintes, culminando, nos dias atuais, numa grande imersão nos estudos e na interpretação dessa parte da história da música.

Ainda no mesmo ano, criamos o show "Movimento Cósmico - Dançando a Música do Mundo Infinito", e convidamos bailarinas de

VITROLA DE ORFEU



estilos de dança diversos para dançar as nossas músicas. Conseguimos realizar quatro belas edições desse evento até o momento. Também foi o ano da nossa segunda turnê para fora do país, quando fomos para o Chile e participamos do Festival de Música Imigrante. Além do nosso show, participamos de uma orquestra, com mais de setenta músicos tocando músicas do folclore chileno - uma experiência muito especial, pois pudemos aprender um pouco do ritmo da música deles e absorver mais uma influência para nosso mundo infinito.

Em 2013, produzimos e gravamos o nosso quarto CD, "Reino de Cramfer", lançado em 2014. Nos primeiros trabalhos sempre tínhamos uma canção em português, mas para esse CD definimos que ele seria todo em nossa língua, e nos agradou muito o resultado. Também nesse trabalho utilizamos várias instrumentos, para dar coloridos diferentes nas músicas, algo que já vinha sendo trabalhado e que foi solidificado de vez. A temática foi totalmente inspirada na literatura ufológica, tema com o qual sempre nos conectamos. Nesse traba-

lho, nossa inspiração foi nos Felinos e nos Uranianos, seres da 6ª e 8ª dimensões.

Em 2014 fizemos nossa terceira turnê internacional. Dessa vez fomos para Portugal, e foi um momento muito especial - estávamos lançando um primeiro CD em português. Tivemos a oportunidade de participar de algumas feiras medievais, fizemos também shows em pubs e pudemos tocar dentro de um Castelo de 1050, em Santa Maria da Feira. Foi algo mágico, pois além de estarmos pela primeira vez em contato com castelos da época, pudemos tocar a nossa música dentro do grande salão, por um acaso que só o destino pode proporcionar. Tínhamos ido somente para visitar, e aproveitamos para levar os instrumentos e fazer um vídeo. Quando estávamos visitando o castelo, nosso amigo Victor, que nos acompanhava, perguntou se poderíamos tocar e, sem cerimônia, nos deixaram realizar esse sonho.

No ano de 2015 participamos de um festival gótico internacional que teve bandas como Ataraxia, Das Ich, além de outras nacionais, como Das Pro-

VITROLA DE ORFEU



jekt e Plastique Noir. Foi uma surpresa para nós saber que os fãs dessa vertente de música também apreciavam o Olam Ein Sof. Das duas apresentações nossas, lançamos o DVD "Live at Wave Summer Festival". Retornamos para Portugal para participar de algumas feiras medievais e fazer shows em pubs. Interagimos com dançarinas portuguesas e também participamos da feira medieval em Ciudad Rodrigo, na Espanha.

Em 2016 participamos de um festival de música no sul da Itália, que durou um mês e era realizado em diversas cidades ao redor do Salerno, com uma atração diferente a cada dia. O nosso foi novamente muito especial, pois tocamos em um sítio arqueológico etrusco, o que trouxe uma grande inspiração para nós, por tanta história ali contida. Tivemos boa recepção e fomos "adotados" por alguns italianos, que nos levaram para outros concertos nos dias em que permanecemos no país, assim pudemos conhecer vários músicos e ver muita arte. Também fomos para o norte da Itália e visitamos uma feira medieval, próxima ao Castelo de

Áquila, que visitamos e onde gravamos vídeo, e cuja história pudemos conhecer.

Nesse mesmo ano participamos do Festival Medieval Brasil, em Brasília, que, assim como todos os eventos que vínhamos participando no país, foi muito bacana. Em 2017 fomos convidados novamente e fomos uma das bandas de abertura do renomado Wardruna. Tivemos o prazer de tocar no jantar medieval em que os membros da banda estavam presentes, e no outro dia nos parabenizaram, pois estávamos no mesmo hotel e pudemos conversar e compartilhar algumas ideias com o líder, Einar Selvik.

Em 2017 também retornamos para a Colômbia, já com a organização da bailarina Laura Gutierrez, que se tornou parceira nossa, pois desde 2015 ela estava vindo para congressos de dança no Brasil, sempre se hospedando em nossa casa. Lá participamos do espetáculo de dança "Cuerpos Celeste", dirigido por ela, e novamente tivemos a honra de ter algumas de nossas músicas escolhidas e pudemos tocar ao vivo.

VITROLA DE ORFEU



Também gravamos e lançamos nosso quinto CD "Cantigas de Reis, Trovadores e Peregrinos", no qual interpretamos ao nosso modo algumas músicas medievais dos séculos 12 ao 14.

Também em 2017 iniciamos a nossa bela parceria com a Taverna Medieval, restaurante temático em São Paulo, que com o passar dos anos foi ficando cada vez mais sólida. Temos total apoio ao nosso trabalho e pesquisa, além de uma grande amizade, construída com todos.

Em 2018 retornamos novamente para Portugal e tivemos a oportunidade de participar de um festival folk na Alemanha, Winneweh Fest Fûr Traditionelle Musik, em Gottersdorf. Ficamos quatro dias acampados, interagindo com outros músicos e aprendendo muito. Fomos muito bem recebidos e eles gostaram bastante da nossa música. Lá eu adquiri minha primeira gaita de fole, com um luthier que virou amigo. Curiosamente, eles não acreditavam que pudéssemos vir do Brasil, pois apesar de ser um festival que existe há vinte anos, era muito "familiar" -

as pessoas se encontravam para tocar e contemplar a vida em um museu fazenda. Conseguimos participar graças a uma amiga que tínhamos contato há mais de dez anos, e os organizadores nos aceitaram.

Em 2019 fomos pela primeira vez estudar música medieval no MMB2019, um curso de verão de música medieval, realizado em Besalu, a 100km de Barcelona. Foi outra experiência fantástica, algo que expandiu muito nossa visão sobre a música medieval. Tivemos grande conexão com os professores e o diretor do curso, e no final realizamos um concerto inesquecível com as músicas que aprendemos lá e com músicos vindos de várias partes do mundo. Em 2020 tínhamos tudo pronto para ir, mas, por causa da pandemia, o curso teve que ser on-line, Demos sequência a esse e a outros cursos promovidos por eles de forma on-line, o que adentrou o ano de 2021.

Também em 2019, depois do curso, pudemos conhecer o sul da França. Mesmo tendo nossos concertos cancelados, foi um grande momento

VITROLA DE ORFEU



poder conhecer um pouco da região dos Troubadores, que tanto pesquisamos. Depois fomos novamente para Portugal, onde sentimos estar voltando para casa. Nessa viagem, novamente tivemos todo apoio dos nossos irmãos portugueses Victor Ciber, Guel de Miranda e Elis Mahr. Fizemos alguns concertos, um deles na Associação dos Amigos dos Peregrinos de Santiago de Compostela, um local muito especial, que foi um antigo hospital na época medieval, em Viana de Castelo. Também tivemos a oportunidade de conhecer a Galícia e sentir a energia dessa região com tanta história.

Aqui deixo um resumo da nossa história. Gostaria de ter citado muitas pessoas e artistas que estão no nosso coração e fizeram / fazem parte do nosso caminho, mas ficará para nossa biografia.

Que todos possam seguir viajando conosco pelo nosso Mundo Infinito.



FERNANDA E MARCELO - OLAM
EIN SOF

[HTTPS://OLAMEINSOF.COM/](https://olameinsof.com/)
[HTTPS://LINKTR.EE/OLAMEINSOF](https://linktr.ee/olameinsof)
OLAMEINSOF2001@GMAIL.COM



ARTISTA: TANDRA

MÍDIA: TIME AND ETERNITY (A INVASÃO VIKING AO BRASIL)

POR LUIS RIBEIRO (HELL YEAH MUSIC)

Navegando em suas buscas insaciáveis com seus dracares pelas águas medievais escandinavas, os vikings jamais sucumbiam às suas limitações de recursos ou sequer se importavam com fronteiras físicas que os mapas dos nobres insistiam em tentar delimitar como território de uma pátria ou outra. Espalhando-se como a hera por terras outrora frutíferas, os Vikings esfacelaram as entranhas do velho continente em suas incursões ardentes e sanguinárias, guerreando com selvageria e pilhando tudo que suas embarcações poderiam carregar. Suas investidas assoladoras limitaram-se especialmente às regiões da Europa, mas sua cultura, costumes, lendas e mitologia emergiram pelo mundo todo mesmo nos dias de hoje, sendo amplamente explorados como objeto central na criação de livros, séries, filmes e músicas. No Heavy Metal não somente a cultura Viking, mas também a dos celtas e dos pagãos teve influência direta no nascimento de algumas das vertentes mais folclóricas do gênero, como o Folk e



o Viking metal.

Em um país de proporções colossais como é o caso do Brasil, e da miscigenação de seu povo, com heranças culturais multiétnicas, essa combinação de fatores forja uma nação riquíssima culturalmente, tanto em suas tradições, costumes, nas histórias contadas e nas mais diversas formas de expressão da sua arte. O clima predominantemente tropical de boa parte do nosso país nunca impossibilitou que bandas vindas dos

VITROLA DE ORFEU



cantos mais gélidos e distantes do planeta criassem uma base sólida de fãs devotos de sua música e de seus costumes em terras tupiniquins. Herdeiros honorários e admiradores confessos das culturas célticas e nórdicas, provenientes das regiões mais álgidas do Brasil, o sexteto curitibano da Tandra surge como um dos principais representantes de uma das vertentes que alcança cada vez mais espaço e adeptos entre os simpatizantes do Heavy Metal e de uma generosa caneca de cerveja ou hidromel.

Para aqueles que associam a música folk exclusivamente as melodias caricatas do bandolim, ao deslizar enviesado do violino e ao assobiar contagiante de uma flauta, deverá saber que ao mesclar esses elementos com a impetuosidade da cultura viking e com o peso avassalador do heavy metal, o som é guarnecido com doses cavalares de uma energia bruta e rústica, de guerreiros brancos habituados a caírem diante de alguns barris de cerveja, mas nunca diante de seus inimigos.

Fundada no já distante ano de 2013, mas com sua formação e desígnio consolidados apenas em meados de 2017, a Tandra veio ao conhecimento do público primeiramente através de seus singles para “Open the Bar” e “Time And Eternity”, sendo que esse último obteve excelente repercussão, atingindo a impressionantes marca de mais de 300 mil reproduções no Spotify (Feito que viria a ser superado posteriormente pelos mais de 550 mil de “Marching to Infinity”). Com aparições em diversos festivais, dividindo palco com grandes ícones do Heavy Metal nacional como Krisiun, Angra e Tuatha de Danann, a banda foi aos poucos construindo sua identidade, sua imagem e obtendo maturidade para o lançamento de seu primeiro disco de estúdio.

Produzido no Beco Estúdio por Ivan Pellicciotti e lançado digitalmente em 18 de outubro de 2019 – e mais tarde também no formato físico -, “Time and Eternity” nos apresenta a uma banda absolutamente competente e com a audácia de navegar por águas poucas vezes exploradas em território nacional, velejando por um mar de

VITROLA DE ORFEU



águas torrenciais, alimentado por inúmeros mananciais que nele desaguam suas referências desde o Folk Metal mais tradicional de bandas como Ensiferum, Korpiklaani e Skyklad, até aquele que flerta com o metal mais extremo de grupos como Amon Amarth, Eluveitie, Finntroll e Borknagar.

A banda conta em sua formação com Felipe Franco no baixo e nos vocais, Christopher Knop e Geferson Franco nas guitarras e vocais, Felipe Ribeiro na flauta e vocais, Max Waltrick na bateria e percussão e Carlos Linzmeyer no acordeon. As participações especiais ficaram por conta de Gabriel Mitsuo Inage no hurdy gurdy e de Andy Coutinho e Lucas Rafalski nos backing vocals. A arte da capa ficou a cargo de Ewan Donovan, o design interno do encarte por Max Waltick e as fotos por EstelaZ Fotografia.



A inevitável abertura com “The Summoning to the New Age” prende a atenção instantaneamente, conduzindo o ouvinte absorto para dentro da experiência do disco, fazendo-o sentir-se em barcos apinhados de guerreiros avistando seu destino após incontáveis dias de incertezas sob um sol escaldante e tempestades furiosas. As melodias balançam plácidas na ondulação do mar e sob a brisa reconfortante do vento que conduz o ouvinte diretamente para o campo de batalha de “Thunder’s Calling”. A entrada da banda prenuncia o fim da calmaria e soa, como o título sugere, como o chamado de um guerreiro em prepa-

VITROLA DE ORFEU



ração para seu destino iminente, que logo em seguida parte para sua jornada épica de batalhas, sangue, ouro e glória. O chamado do trovão é o chamado ao Deus do Trovão, Thor, filho mais velho de Odin e o mais forte entre todos os deuses da mitologia nórdica. Conta-se que Thor percorria o mundo em uma carruagem puxada por dois bodes chamados Tanngrísnilr e Tanngnjóstr e que quando Thor atravessava os céus, as montanhas ruíam e o estrondo provocado pelas rodas do veículo originavam os trovões. Os trovões também eram entendidos pelos guerreiros nórdicos como um chamado aos seus destinos de guerra e conquistas.

“Siga este caminho deixando histórias, toda aventura é aceita, todo mundo vai dizer o seu nome, eu sei disso porque me foi dito. No chamado do trovão! O trovão está chamando!” - Thunder's Calling, Tandra.

A faixa título do disco, “Time and Eternity”, apresenta uma teatralidade

cênica, com passagens complexas, taciturnas e sofisticadas, com arranjos grandiosos e uma beleza épica, enunciando a história de um povo e sua luta pela eternidade e a batalha do ser humano contra o tempo e sua inevitável mortalidade.

“Em uma terra muito distante, batalhas foram travadas, campos de bravos e destemidos guerreiros, lutando com honra por suas vidas. Talvez não haja terra do amanhã” - Time and Eternity, Tandra.

Na mitologia nórdica, Frey (Freyr ou Frei) é um Deus belo e poderoso que governa o tempo e a prosperidade, é filho de Njord e Skadi, irmão de Freya e é casado com a gigante Gerda.

A primeira música criada pela banda, “Open the Bar”, é uma verdadeira ode aos prazeres do álcool. Apesar do peso imperativo, a canção é um convite declarado à dança, de pés ritmados batendo ao chão, abraços calorosos e corpos suados trombando-se aos pulos e canecas

VITROLA DE ORFEU



cheias de cerveja e hidromel, derramando em brindes estabanados, aos brados de “Open the bar, Open the bar”.

“Por que você está com essa cara de medo? Deixe seus problemas de lado e beba mais cerveja. A vida às vezes é muito difícil, eu sei! Mas tente conseguir mais bebida para nós agora”
- Open the Bar, Tandra.

Apesar do ritmo festivo e da proposta de beber para esquecer dos problemas da canção, no tempo dos Vikings a cerveja era uma bebida não apenas consumida pelos seus prazeres, mas por necessidade e tradição. Cada família possuía sua própria vara de cerveja, utilizada para agitar a bebida durante sua produção. Tais varas de cerveja eram tidas como herança de família, pois seu uso assegurava a qualidade de cada cerveja, como uma marca registrada daquela família. Por se tratar de um fermentado de cereais e ervas com uma baixa graduação alcoólica, a cerveja servia perfeitamente para ser consumida em substituição a água pura, que poderia transmitir doenças.

O consumo de cerveja era uma forma de manter-se hidratado sem adoecer, justificando assim o seu consumo por todas as pessoas, desde os mais novos até os mais velhos, dos mais ricos aos mais pobres. Já o hidromel era portador de um caráter sagrado e, especialmente por ser de difícil produção, tornou-se uma bebida designando às divindades e aos seus eleitos.

O lamento do acordeon e da flauta, qual crocitar de um corvo de asa quebrada, criam uma atmosfera desoladora para a entrada da banda em um clima denso e melancólico como a neblina do inverno. “Marching to Infinity” é detentora do título de faixa mais ouvida da banda nos serviços de streaming, tendo sido reproduzida 575 mil vezes no Spotify no momento em que essa matéria é escrita, dando à banda uma visibilidade digna dos grandes nomes do gênero, espalhando a música do sexteto curitibano pelo mundo, sendo ouvida especialmente em países como Alemanha, França, Suécia, Ca-



nadá, Polônia, Brasil e Rússia. “Marching” engloba todos os elementos que compõem o disco e se trata da canção com maior personalidade, devendo servir como base para a consolidação da identidade da banda no desenrolar de sua carreira. A letra “Marching to Infinity” aborda o ciclo da vida e suas lutas diárias para manter-se seguindo em frente, traçando um paralelo com uma jornada montanha acima e todos os desafios, frustrações e conquistas envolvidos nesta empreitada.

“Nós temos que seguir em frente. Para o topo dessas montanhas. Limpando sua mente, livrando-se de tudo que o liga ao mundo” - Marching To Infinity, Tandra.

“The Forest Dance” reitera a fórmula festiva de “Open the Bar”, numa ode à fauna e à flora e em um brinde à vida e a mística sincronia entre a floresta e os animais, ao ritmo ora dançante da polka e da giga, ora vertiginoso e empolgante do Death/Folk Metal em um convite a

“Humanos e animais dançando em sincronia com a floresta”.

“Quando a noite cai na floresta, as criaturas acordam, eles chamam todo mundo, você pode ouvir a dança da floresta. As árvores e os animais estão em sincronia, todos vão dançar ao vento, saia de sua casa e venha para o baile da floresta” - The Forest Dance, Tandra.

Muitas foram as criaturas representadas na mitologia nórdica na forma de animais, dentre as mais conhecidas estão o lobo Fenris, filho do deus Loki e da gigante Angrboda, que está destinado a lutar em Ragnarök. Fenris é irmão de Jormungand, uma enorme serpente, que durante o Ragnarök irá se libertar e irá cobrir a terra e os céus com seu veneno. Ratatoskr é um esquilo que corre de cima abaixo na árvore mundo Yggdrasil, espalhando fofocas e especialmente levando e trazendo insultos trocados entre a águia Hræsvelgr, que fica no topo de Yggdrasil e o dragão Nidhoggr que fica abaixo de suas raízes.

VITROLA DE ORFEU



A passagem soturna da instrumental “Last War Sacrifice” e seus coros ritualísticos de um sacrifício clamando pelo suporte dos deuses em uma batalha iminente, fazem o prelúdio perfeito para a épica “Winter Days”, a música mais longa e naturalmente a mais completa e complexa do álbum, com instrumentais que ainda não haviam sido explorados no disco e outros que passam a limpo o que ouvimos até aqui, além da mais profunda e bela abordagem lírica do álbum, relatando a epopeia de um povo em preservar suas crenças, ideais e sua cultura e as batalhas e matanças promovidas entre cristãos e pagãos, com uma letra que pode ser claramente interpretada em um contexto completamente atual. A primeira parte murmura melodias de uma beleza sutil, onde o acordeon e a flauta, enriquecidos pelo som do hurdy hurdy (ou viela de roda), criam uma atmosfera requintada em um contraponto charmoso e orgânico ao extremismo instrumental do restante da banda, que surge logo em seguida, primeiramente numa passagem tipicamente Folk, muito pesada mas

bastante melódica, com fraseados e intervenções belíssimas das guitarras e longas partes instrumentais. O retumbar dos tambores e das melodias tênues criam uma ponte episódica para o desfecho da canção, que em muitos momentos vai até o Black Metal buscar recursos para deixar a música ainda mais agressiva e excruciante, como nos urros agonizantes e desesperadores que suplicam aos deuses “Ela morreu agora. Com honra, com coragem, com sangue e suor. Mas viverá amanhã para ser lembrada para sempre”.

“Eu vejo traços de medo e dor marcados por aqueles que vieram do sul, com suas espadas hipócritas, eles mataram em nome de seu Deus. Queimando nossas mães e filhas, humilhando nossa história e sabedoria, alguns covardes beijaram seus pés, traindo seus irmãos de sangue. Pregadores psicopatas e cegos prosperam marchando sobre sua fé. Nossas espadas rasgaram seus intestinos agora” - Winter Days, Tandra.

VITROLA DE ORFEU



A derradeira e instrumental “Tears of Sorrow” encerra o álbum de maneira melancólica em uma despedida de emoção tangível, como um *último sacrifício*, escorrendo melodias em lágrimas, como se a banda quisesse que suas canções continuassem *marchando rumo ao infinito pelo tempo e pela eternidade*, convocando seu próximo álbum à *uma nova era*, como o *chamado do trovão* que trás *dias de inverno*, nos convidando novamente a *dançar saltitantes com a floresta* e clamar pela *abertura do bar* para mais uma rodada de cervejas e grandes canções. Um brinde à mitologia! Um brinde à música! Vida longa à obra da Tandra.

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/TANDRAFOLKMETAL/](https://www.facebook.com/tandrafolkmetal/)
INSTAGRAM: @TANDRAOFFICIAL

INTEGRANTES DO TANDRA



HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: O ANHANGÁ CONTADOR: LUIZ JÚNIOR

No Norte e no Centro-Oeste do Brasil, principalmente nas margens da Floresta Amazônica, é comum, entre os povos indígenas e os ribeirinhos, contar histórias sobre o Anhangá. O Anhangá é um espírito protetor das florestas, que se manifesta sempre na forma de um animal – normalmente um veado, macaco ou uma onça. Este espírito das florestas protege, sobretudo, os povos das florestas, seus animais e árvores, atacando caçadores que, ao atirar, tem suas balas desviadas e acabam por acertar entes queridos. Então, o caçador costuma enlouquecer. Há relatos em todo o Brasil. Um grande exemplo, para os paulistanos, é o Vale do Anhangabaú, ou O Rio Onde o Mau Espírito Bebe Água. Relatos apontam que os bandeirantes odiavam atravessar suas margens, pois o Anhangá estava sempre pronto para atacá-los.

Coincidência ou não, alguns dos prédios mais mal-assombrados do Estado de São Paulo estão às suas margens, como o Edifício Martinelli, o

Joelma e o Andrauss. Um pouco mais para trás, está o castelinho da Rua Apa, palco de histórias assombrosas em São Paulo.

Juntamente com o Curupira, é um dos protetores das matas.

Relatos apontam que os olhos deste ser soltam fogo. Dizem que, certa vez, um índio perseguiu um Veado fêmea prenha e a encurralou na mata. Anhangá estava observando a tudo com seus olhos de fogo. O índio, então, acertou o veado com uma flecha. Porém, ao se aproximar, notou que não era mais o veado quem estava caído, mas sim sua esposa, grávida de seu filho.

Era tudo um artifício do Anhangá...

Gostou?

Este e outros contos estão na coletânea **Corpo Seco e Outras Histórias**, disponível em e-book na www.amazon.com.br.





OBRA: BAAHUBALI - O COMEÇO E A CONCLUSÃO DIREÇÃO: SS RAJAMOULI / PRODUÇÃO: SHOBU YARLAGADDA E PRASAD DEVINENI

POR LARISSA DIAS

Quando ouvimos falar de um filme indiano, pensamos na mesma hora no modelo de cinema “Bollywood” e logo vem à nossa mente o canto e a dança. Isso pode ser atrativo para alguns e para outros nem tanto, mas para a autora desta resenha, esse é um prato cheio, pois em muitas culturas a dança e o canto sempre trazem alegria e magia onde quer que sejam usados...

Baahubali é um filme produzido em 2015, que tem alguns recordes: filme hindu mais caro já produzido (R\$ 25 milhões), maior bilheteria na estreia do seu país de origem, entre outros número impressionantes além de vários prêmios recebidos. Ele é dividido em duas partes, que juntas somam quase 5 horas e meia de pura ação, intrigas, romance e claro, mitologia hindu! Isso porque o diretor do filme informou que o mesmo é inspirado no épico da mitologia hindu chamado Mahabharata.

O filme inicia com uma cena belíssi-

ma de uma mulher indiana ricamente ornada que carrega um bebê. Durante uma perseguição, ela entra em um rio e se sacrifica para que aquele bebê possa ser salvo! Antes de morrer, ela pede que a divindade da destruição, Shiva, o salve, sendo esse bebê ninguém menos do que o nosso personagem principal, que viverá toda a trajetória do herói Baahubali!

O bebê ao crescer, se torna Shivu, um jovem guerreiro forte, audacioso, dono de talentos únicos. Em uma das cenas, ele consegue transportar um imenso lingam de pedra, uma escultura fálica dedicada ao deus Shiva, que traz toda a força de seu potencial de fertilidade. Essa cena mostra como o próprio potencial masculino de Shivu estava latente, de modo a poder expressar toda a sua força.

Com o desenrolar do filme, nosso personagem principal encontra uma linda máscara, cuja simbologia o faz encontrar seu grande amor, uma



guerreira chamada Avantika, por quem se apaixona em uma das mais belas cenas de romance que envolvem o canto e a dança indiana, em uma luta romântica que leva a um reencontro, como se fosse a clássica luta interna que travamos na busca daquilo que nos completa. Na mitologia hindu, os casais de deuses são muito importantes e trazem o equilíbrio universal das forças divinas.

Assim, Shivu e Avantika partem em uma missão contra um tirano chamado Lord Bhallaladeva, para o resgate da princesa Devasena.

Durante a missão, Shivu decide se disfarçar de trabalhador local e durante a construção de uma estátua do tirano, chama atenção por sua grande força. Isso faz com que todos os trabalhadores o vejam e comecem a gritar o nome “Baahubali”. Shivu não compreende o que se passa, mas de imediato fica sob o ataque do tirano local, porém o general Kattappa o reconhece e lhe conta sobre suas origens, como filho de um grande e justo príncipe guerreiro, que

se chamava Amarendra Baahubali, cuja semelhança física com Shivu é impressionante!

Curioso sobre sua história, Shivu deseja conhecer seu verdadeiro pai, mas descobre que ele havia sido morto já durante o final intrigante e trágico no qual Kattappa traz uma importante revelação, que dará origem ao filme 2.

No início do segundo filme, acontece uma das cenas mais belas: uma mãe inicia um ritual para a grande deusa Kali, de modo a pedir proteção para seu filho. Kali é uma figura que para nós ocidentais, pode parecer intrigante: ela é a deusa da destruição, da guerra, tem uma língua pendente para fora da boca, sedenta pela guerra e pela morte, usa um colar de caveiras e uma saia feita de braços. É de forma geral, uma figura muito ameaçadora. Mas além disso, ela foi a única deusa capaz de matar um dos piores demônios da mitologia hindu e pelo hinduísmo é chamada de “Kali Ma”, ou seja, Kali Mãe. E o que uma mãe faz senão proteger com toda a sua fúria seus filhos? A cena



onde a mãe enfrenta os maiores perigos para afirmar a proteção da deusa guerreira ao seu filho é de uma beleza sem tamanho, pois ali, ela mostra a confiança e a fé no seu caminho, pois em nenhum momento ela pode parar, deve continuar independente do que aconteça. E claro, os inimigos reais desta mãe e de seu filho, fazem de tudo para impedir, mas o filho também ajuda a mãe a ter fé e precorrer o seu caminho, protegendo-a dos perigos. O fogo que esta mãe carrega em sua cabeça, não deve se apagar, como sua fé nunca deve ser apagada no propósito da sua existência, uma vez que a chama divina sempre queimará em seus corações. Esta cena pode nos fazer entender um pouco o imenso amor que os hindus tem pela deusa Kali, uma das deusas mais adoradas da Índia!

Todos os dois filmes se desenrolam em uma trajetória que mostra a história dos justos contra os injustos, e até de uma rainha justa que é convencida por conselheiros terríveis a cometer suas próprias injustiças.

Cenas belíssimas de batalhas épicas existem nos dois filmes, onde prendemos a respiração por não sabermos o desfecho, um mais surpreendente que o outro.

Em uma das cenas de batalha, é demonstrado claramente os valores que cada um segue. Essas cenas me faz lembrar os dizeres do Bhagavad-Gita, onde os conselhos trazidos pelo deus Krishna fazem com que o herói mitológico Arjuna possa decidir como ser justo em sua batalha. Lutas épicas travadas pela manutenção do poder e da ordem ou pela alteração da ordem vigente ativam em nós nosso próprio espírito guerreiro.

Em um rede de intrigas pelo poder, um amor verdadeiro que deve ser protegido, valores firmes consagrados pelos deuses e uma capacidade de trazer as belezas dos deuses hindus em conceitos inteligentes e claro, muita mitologia, o filme Baahubali consegue captar nossa atenção e nos tirar do mundo real, nos envolvendo em uma fantasia mágica e cheia de componentes sagrados!



OBRA: SÉRIE VIKINGS - OS DEUSES NÓRDICOS CRIAÇÃO: MICHAEL HIRST

POR ÁREA NÓRDICA E VANNA DOMINGUES

Quando pensamos em mitologia nórdica, entramos em um tema muito utilizado na atualidade, retratado em filmes, jogos, livros e séries.

Como, por exemplo, a famosa série Vikings, lançada em 2013, cuja história se passa entre os séculos VIII e XI na Escandinávia, na era Viking.

Dentre todos os temas retratados na série, os deuses foram fundamentais para a constituição dos povos nórdicos, caracterizados como protetores e sempre presentes nesses períodos.

Embora nem todos os deuses tenham sido mencionados na série, todos estavam presentes de alguma forma. Os mais retratados e com maior foco foram Odin, Thor, Loki e Freya.

Odin, o pai de todos os deuses e de todos os homens, foi o mais presente na história da série, pois o protagonista da série, Ragnar Loth-

brok, acreditava ser descendente de Odin, pois em todas as suas batalhas sempre saía vitorioso, tornando-se uma lenda na série.

Thor, o deus do trovão, era muito invocado em sacrifícios e também na hora da batalha, pois quando os vikings faziam algum assentamento e encontravam novas terras faziam sacrifícios para Thor, para que abençoasse a terra e cuidasse dos animais, pois, além de deus do trovão, era ele quem cuidava das fazendas e abençoava a terra, mandando a chuva.

Freya, a rainha das Valquírias e deusa do amor, era evocada pelas mulheres, e os sacrifícios para ela eram para a fertilidade, para que as mulheres tivessem filhos fortes e saudáveis, que cresceriam e se tornariam vikings guerreiros e bravos, dignos de Valhalla.

Já a respeito do deus Loki, outro personagem da série fazia referência

ARQUIVOS DE LOKI



a ele. Era chamado de Floki, um viking um tanto diferente dos demais, mais extrovertido e muito mais inteligente, assim como Loki, que era muito inteligente e astuto. Embora Loki morasse com os deuses em Asgard, ele não era um Aesir como os outros, era um Jotun do reino dos gigantes e deus da trapaça.

Embora a série não seja voltada completamente à mitologia nórdica, retrata como os povos vikings eram muito fiéis aos deuses e que pediam a benção aos Aesir para tudo o que faziam.

Para um viking a morte era retratada com grande alegria e vinha de bom grado, pois eles acreditavam que após sua morte as Valquírias viriam buscá-los e os levariam para o grande salão, juntamente com os melhores guerreiros, na companhia dos deuses.

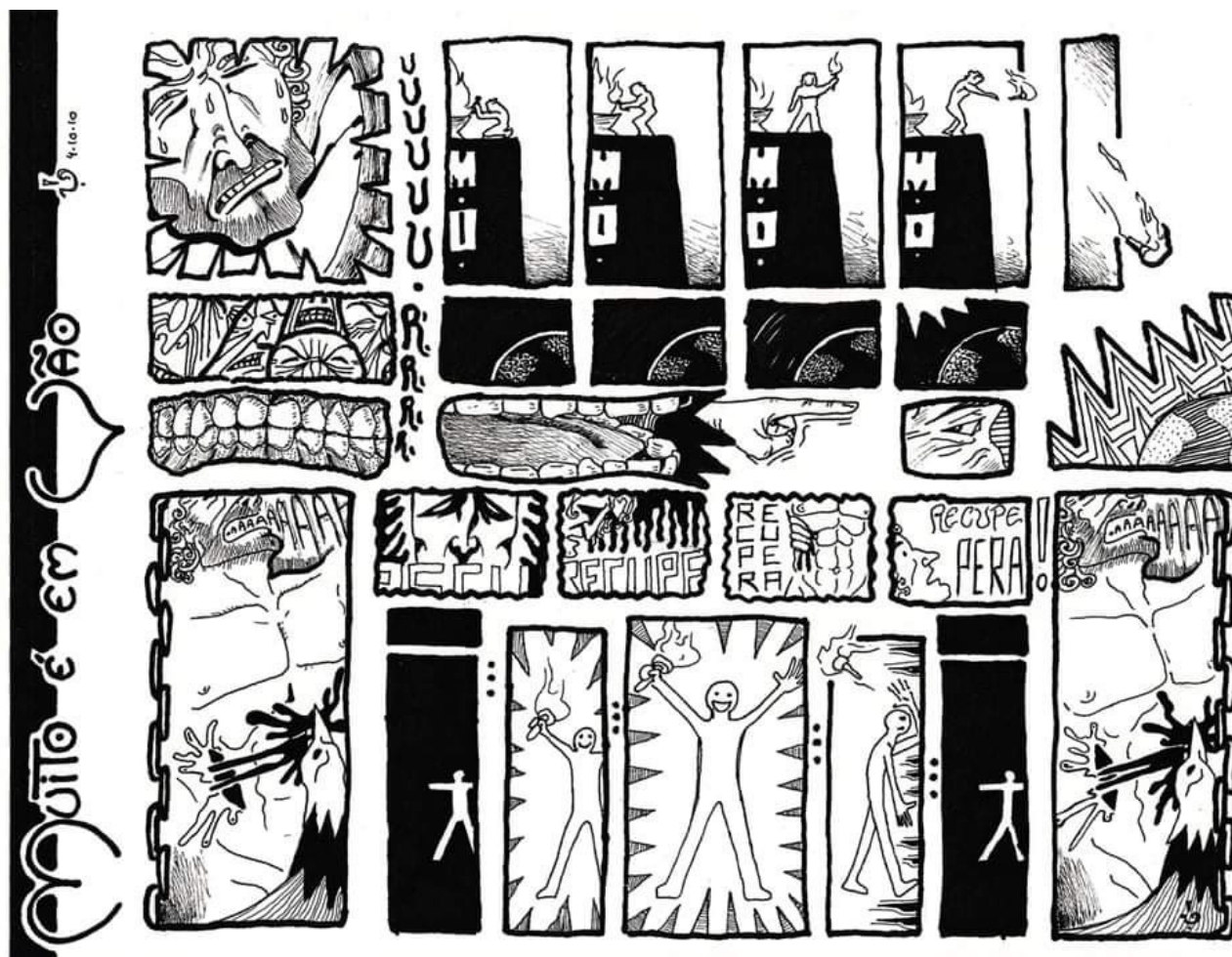
Assim os principais personagens da série, Ragnar, Lagertha, Bjorn, Ivar e Harald, aceitaram sua morte com muita honra, pois foram grandes guerreiros, dignos de se juntarem aos Aesir no grande salão dourado.



A NONA ÁRVORE



POR GUILHERME SILVEIRA



A Nona Árvore é uma seção criada especialmente para publicações de HQs mitológicas!

Estamos na terceira edição, e a HQ que nos surge é justamente a de Prometeu, ser mitológico que já apareceu em um artigo maravilhoso no número anterior!

Quem criou essa HQ foi o Guilherme, nosso já conhecido colaborador, que fez a famosa Hécate da edição de março.

Uma belíssima representação desse herói mitológico, que com certeza traz um questionamento. Este tipo de HQ, poética/fantástica-filosófica, exige que, ao observarmos a imagem, vasculhemos dentro de nós o que ela pode nos representar.

Este é um exercício maravilhoso: tentar descobrir esses significados internos e, principalmente, saber a quais propósitos humanos estamos nos sacrificando. Afinal, essa é a história do nosso grande herói, quem roubou o fogo para a humanidade!



**CURSOS,
PALESTRAS,
EVENTOS...**

ABR 2021

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastría, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**



O MITO EM NÓS

e o reconhecimento da integridade humana
Anima / Animus



O MITO EM NÓS É UM CURSO CONSTITUÍDO DE 07 ENCONTROS VIVENCIADOS (UM AO MÊS, VISANDO O RECONHECIMENTO DO MASCULINO E FEMININO COMPLEMENTANDO-SE EM CADA UM DE NÓS, ATRAVÉS DAS MITOLOGIAS GREGA, INDIANA, EGÍPCIA, INDÍGENA, E CELTA.

SOLANGE S. D'AMATO - PSICOPEDAGOGA /
ARTETERAPEUTA
VILMA C. FIDALGO DEL RY - ESCRITORA / PROF. DE
LITERATURA
NOVA TURMA: ABRIL/2021
INFORMAÇÕES: 99132-9228 - SOLANGE

ACADEMIA DE QUÍRON



ABRIL 2021

Curso teórico-vivencial
pelo Zoom

MITOLOGIA GREGA NA MANDALA ASTROLÓGICA

5ª f das 20 às 21:30hs (12 aulas)
Início: 01/04 - aula gratuita

Programa:

- Os signos e seu mito regente: aspectos simbólicos e recursos em Arteterapia
- Mitos abordados: Ares, Atena, Afrodite, Hermes, Deméter, Ártemis, Apolo, Hades, Zeus, Crono, Urano, Poseidon

Patrícia Pinna Bernardo

Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia. Psicóloga.
Arteterapeuta.

Inf. e inscrições: whatsapp 11 99136-4430

A MAGIA DOS CONTOS E DAS FADAS

criança interior e mitologias da infância

Curso teórico-vivencial pelo Zoom

3ª f das 15 às 16:30hs (12 aulas)
Início: 13/04 - aula gratuita

Programa:

- Os contos, as fadas e a Arteterapia: pelo reencantamento do mundo
- Abandono e resgate da criança interior, e o arquétipo da criança divina nos contos de fadas
- Lenda pessoal, história de vida e imaginação criativa
- O tema da criança arquetipal em Bachelard, Jung e Hillman

Patrícia Pinna Bernardo
Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia.
Psicóloga. Arteterapeuta.

Inscrições: whatsapp
11 99136-4430

Curso teórico-vivencial *on line* (pelo Zoom)

TARÔ, SINCRONICIDADE E ARTETERAPIA:

simbolismo e aplicações terapêuticas

com Patrícia Pinna Bernardo e Oneide R. Depret

3ª f das 20 às 22hs (12 aulas semanais)
Início: 13/04 - aula aberta gratuita

Informações e inscrições: whatsapp 11 99136-4430

Programa:

- Tarô, sincronicidade e individuação
- Os 22 arcanos maiores: simbolismo, recursos em Arteterapia e aplicações
- Tarô terapêutico e Arteterapia

ARTETERAPIA E COLAGEM

vivencial/teórico pelo Zoom

Com Patrícia Pinna Bernardo e Silvio Alvarez

Workshop 1
6af, 23/04, 14 às 16:30hs
ARTE RUPESTRE e ancestralidade

Workshop 2
6af, 30/04, 14 às 16:30hs
MÁSCARA E RITUAL: qual é minha tribo?

Investimento:
Workshop 1 = 90,00 / Workshop 2 = 90,00
COMBO: 1 + 2 = 160,00

Inscrições: whatsapp 11 99136-4430



ABRIL 2021

VAGAS LIMITADAS!

workshop 3ª Edição

PSICO MUSICALIDADE

caminhos sonoros da alma
com o psicólogo e músico **Julio Ito**

VENHA CONHECER SUA/SEU MUSICISTA INTERIOR

PARA QUEM?
Interessadas/os em conhecer as relações entre a **música** e a **psicologia**, bem como utilizar a música como ferramenta de **autoconhecimento**.

*Não é necessário conhecimento sobre teoria ou instrumento musical.

Sábado - 24/4
10h às 14h30

Online (Zoom)

Inscrições/Info
(11) 99822-7321
contato@julioito.com.br
www.julioito.com.br

Facilitador
JULIO ITO
Psicólogo Clínico (CRP 06/130191),
Músico, Pesquisador e Idealizador do Visita Interior.



WebTV x Canal YouTube

Qualidade de Vida em pauta:

Viva Vidas Vivas

vivavidasvivas.com

- ∞ Psicoterapias;
- ∞ Mitologias, Contos e Afins;
- α Massagens e Práticas Corporais;
- ∞ Práticas Meditativas;
- π Culinária e Pitadas de Nutris;
- β Idiossincrasias de Madame Rô&Nós;
- ∞ Viagens, Culturas e Eventos;
- Σ Atividades Coparticipativas, através de Cursos, Vivências e Trocas de Experiências.

Sejam Bem-Vindos!

<https://heylink.me/vivavidasvivas/>
(11)9.9404-2910



Siga-nos



MAI 2021

Workshop
Dando Corpo à Autoestima

Viva Vidas Vivas
vivavidasvivas.com

20 e 21 Maio/2021
20:30h(+ou-2h, via Zoom)

Gratuito
Inscrevam-se - Vagas Limitadas

Quantos % você tem de Autoestima?
De 0 à 100, qual o percentual % que você atribui ao seu nível de autoestima?
Que tal melhorar este resultado?
... E caso esta atribuição(%) esteja alta, te convido a refletir...
...Será que sua vida anda limitada e/ou delimitada?!

Siga-nos!



(11)9.9404-2910

<https://heylink.me/vivavidasvivas/>



Sejam Bem-Vindos!

**MITOLOGIA CELTA/NÓRDICA
E ARTETERAPIA**
Com Patrícia Pinna Bernardo e Elenice Giosa

Sábado, das 16:30 às 18:30hs

01/05 – Festival de Beltaine, o festival do sol, simbolismo do 1º de maio e o May Pole

22/05 – Aine: deusa das fadas, da fertilidade da terra e do amor

Investimento:
1 encontro = 60,00 / COMBO: 1 + 2 = 110,00

Inscrições: whatsapp 11 99136-4430



**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



www.larissadiaspsico.com.br

larissa@larissadiaspsico.com.br

LARISSA DIAS

EDITORA E IDEALIZADORA

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.



Instagram: [@fabi.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO

Revisora de textos - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia

PANTEÃO DE COLABORADORES



ELIANE J. LEITE

COLABORADORA DE ARTIGOS



Psicóloga e Psicoterapeuta holística. Após uma jornada de 12 anos como jornalista, Eliane encontrou uma fonte de realização na psicologia clínica. Amante da abordagem analítica e apaixonada pelos sonhos dormidos, faz de Carl Gustav Jung e da interpretação dos sonhos seus mais fiéis companheiros de trabalho. Na psicoterapia holística trabalha facilitando constelações familiares sistêmicas e círculos de mulheres. Também é adepta à cura energética através do Reiki Usui e cura multidimensional. É uma admiradora estupefata da natureza, tem esperança de que todos reconheçam nossa unicidade e cuidem com amor do nosso planeta e deseja que todos os seres sejam felizes.

Telefone: 97218-4763 / Instagram: @essencia_plena /E-mail: eli2711@gmail.com

VITOR FILIPPO DIAS

COLABORADOR DE ARTIGOS



Graduado em História pela FMU, onde produziu uma iniciação científica com o seguinte tema, “A Influência Cultural Mesopotâmica na Religião Judaico-Cristã”, o trabalho aborda e compara mitos babilônicos e sumérios com passagens bíblicas, principalmente o Pentateuco. A partir desse trabalho desenvolveu grande interesse no estudo voltado para o Oriente Próximo, mais especificamente para a Mesopotâmia Antiga. Também é palestrante de mitologia do Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são Atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Na sua pesquisa atual, desenvolve um estudo de uma suposta ascensão do deus babilônio Marduk ao topo do panteão durante a hegemonia da Segunda Dinastia de Isin, mais notadamente no decorrer do reinado de Nabucodonosor I (1125–1104 ac).

E-mail: vitorvfd@outlook.com

GABRIELA SABINA

COLABORADORA DE ARTIGOS



Paulista, atualmente morando em Almada (Portugal). Professora de Inglês formada pela Uniban, e de artes pela FAMOSP. Pós graduada em Arte Terapia pela UNESP e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP.

Desenvolve oficinas de desenvolvimento através da arte e dos mitos, especialmente voltadas para mulheres de todas as idades. É autora do livro ORÁCULO DA MULHER DEUSA, que será brevemente lançado no Brasil.

gabisabi@hotmail.com // @gabi.sabi // Opraizerdereclamar.wordpress.com

Facebook: <https://www.facebook.com/gabriela.sabina>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ROSANGELA APARECIDA CORRÊA

COLABORADORA DE ARTIGOS

Rosangela Aparecida Corrêa – Psicoterapeuta - Analista Junguiana e Psicossomática-FACIS/IJEP, Especialista em Clínica Junguiana do Psicodiagnóstico à Intervenção Clínica-SEDES, Especialista em Mitologia e Contos de Fadas, Massoterapeuta, Reikiana, Astróloga, Analista de Sistemas e Escritora. Tendo atuado por 13 anos no mundo corporativo de multinacionais, na Área de Exatas(TI) e desde então, 17 anos atuando na Área de Humanas, cuidando do ser, holisticamente. Fundadora do Viva Vidas Vivas, que busca oferecer informações, serviços e compartilhamento de experiências para incentivar cada pessoa que tiver contato com estes recursos, a experimentar, empreender e viver suas respectivas vidas de maneira viva, intensa, vibrante e presente.



Site 1: <https://psicoterapiajanguiana.com/>

Site 2: <https://vivavidasvivas.com/>

Facebook: fb.me/vivavidasvivas

Instagram: [@vivavidasvivas](https://www.instagram.com/vivavidasvivas)

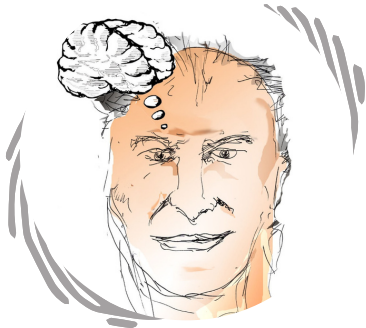
Cartão Virtual: <https://heylink.me/vivavidasvivas>

E-mail: info@vivavidasvivas.com

GAZY ANDRAUS

COLABORADOR DE ARTIGOS

Gazy Andraus é pós-doutorando pelo PPGACV da UFG, Doutor pela ECA-USP, Mestre em Artes Visuais pela UNESP, Pesquisador e membro do Observatório de HQ da USP, Criação e Ciberarte (UFG) e Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Também publica artigos e textos no meio acadêmico e em livros acerca das Histórias em Quadrinhos (HQs) e Fanzines, bem como também é autor de HQs e Fanzines na temática fantástico-filosófica.



Instagram: [@gazyandraus](https://www.instagram.com/gazyandraus) // Twitter: [GazyAndraus \(@AndrausGazy\)](https://twitter.com/GazyAndraus)

Facebook: <https://www.facebook.com/gazy.andraus>

Sites e blogs:

<http://tesegazy.blogspot.com/> <https://yzagandraus.wixsite.com/gazy/home>

<http://classichqs.blogspot.com/>

<http://conscienciasesociedades.blogspot.com/>

Fanzines: https://issuu.com/gazyandraus/docs/3d_imagens-zine-separadas-1-pp; https://issuu.com/gazyandraus/docs/projeto-3d-imagens-volii-ppoint_sequencia

Canal GaZine : no youtube no meu canal "Gazy Andraus":
<http://tesegazy.blogspot.com/p/gazine.html>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ANDREA PRIOR - ESPAÇO RASA COLABORADORA DE ARTIGOS

Andrea Prior é prof. de danças clássicas indianas (Odissi e Kathak), atriz e diretora. Pesquisa a cultura hindu há mais de 30 anos, e em 2010 lançou seu primeiro livro , Lendas Indianas – Pequenas Grandes Historias da Terra Milenar, ed. Salesiana, voltado para crianças. Especializou-se em Cuidados Integrativos pela Unifesp (onde também é prof . convidada) com a monografia “Dança Teatro Indiana como caminho de Transformação: uma visão integrativa”. Atende com terapias corporais Ayurvédicas e Acutonics®. Fundou e coordena o Espaço Rasa [espacorasa.art.br](http://www.espacorasa.art.br) , centro para pesquisa e promoção de danças, música e teatro desde seu inicio em 2002. Atualmente dirige a Cia Rasa no Ramayana em Cena.

Site: <http://www.espacorasa.art.br/> Telefone: 11 - 99919.7311



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO

Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia online. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL

A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284



MARCELO MIRANDA - OLAM EIN SOF

COLABORADOR MUSICAL

marcelo, junto com Fernanda são fundadores e as estrelas brilhantes do Mundo Infinito, ou seja, da banda Olam Ein Sof. Sua trajetória completa 20 anos em 2021 e foi alegremente abordada nesta edição, trazendo muito da música medieval, com influências da mitologia em um trabalho surpreendente e cheio de elementos da música erudita e da música celta e irlandesa.

E-mail: olameinsof2001@gmail.com// Site: olameinsof.com / [Linktr.ee/olameinsof](https://linktr.ee/olameinsof)

PANTEÃO DE COLABORADORES



ÁREA NÓRDICA / VANNA DOMINGUES

COLABORADORES DE OBRA CINEMATOGRÁFICA



Nossa página da Área Nórdica tem o objetivo de passar conhecimento sobre a Cultura e os costumes nórdicos visando tanto os deuses nórdicos quanto seus povos. Assim, ilustrando tanto conhecimentos antigos como da atualidade caracterizados e mostrados em filmes, jogos, livros e séries.

- Instagram: @area_nordica / @vanna.domingues

RODRIGO FILIPPO DIAS

COLABORADOR LITERÁRIO



Sou graduando em Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Atualmente estagiário na empresa Comprovei, atuando na manutenção e suporte do sistema de logística e gestão de entregas Comprovei.

Contato: (12) 99713-0440

GUILHERME L. B. SILVEIRA

COLABORADOR ARTÍSTICO



Guilherme é professor na IFRP/Londrina e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Quadrinhista, artista visual e compositor, produz em diversas frentes, sempre colocando a experimentação e a materialidade como ponto de partida. Alguns dos seus trabalhos são "Preto no preto, Branco no ranco" (2012); "Mergulho" (2018); "Matéria Escura" (2018) - coletânea com Matheus Moura e Vinicius Postearo, finalista do prêmio HQ Independente do Festival de Anqouleme -; "Este não é um lugar seguro" (2019); finalista do prêmio Dente de Ouro (HQ e zine) e Troféu HQMix (exposição) -; "E Daí?" (2020).

Instagram: @guilherme.e.silveira Som: @terrentranse / Edições: @seloriscoimpresso / Leituras: @remembrancas / Pré-venda: forms.gle/piTiHVQMHYGVd1r5A

PANTEÃO DE COLABORADORES



JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS

Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais a partir da 2ª quinzena de Março.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>



ÉRICA DIAS

REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS

Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais à partir da terceira quinzena de Março/21.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com



KAREM DIAS

ESTRATEGISTA DE MARKETING

Formada em Negócios da Moda, como estilista pautou sua carreira no desenvolvimento de produto, se pós graduou em Marketing, fez diversos cursos livres e se autodenomina: concatenadora de sonhos, pois acredita que as ideias inovadoras, são a base de um mundo melhor e uma economia mais justa.

Suas palavras-chave são: Amor, Conexão e Liberdade.

e-mail: karemdias@indigomarketing.com.br // instagram: @karemdias

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Nas histórias de heróis existe sempre um momento onde tudo parece que vai dar errado. Mas é nesse momento que o herói é colocado à prova e desta prova ele ressurge, com mais força do que nunca, para provar o seu valor.

Então, eu gostaria de agradecer primeiro às cinco pessoas do atual núcleo fixo que, embora tenham tido suas provas heróicas trazidas pela Covid-19, não pararam de produzir a nossa revista, mostrando seu valor e trazendo a todos estas lindas histórias desta edição!

Agradeço de coração à Fabia Lucas, nossa revisora, que trouxe como sempre suas ricas contribuições. Agradeço à Karem Dias, que nos entregou um incrível produto de marketing, com a consultoria da Índigo Marketing e à Érica e Jéssica Dias que iniciaram suas contribuições para a Mitologia Aberta.

Agradeço ao Vitor, por nos presentear com este primeiro (sim, haverá mais!) e incrível artigo sobre a cultura suméria e babilônica; À Gabriela por trazer mais uma vez as deusas - dessa vez pelas mães luas - para nos encantar, além de nos enviar em primeira-mão seu livro para divulgação na nossa revista; Agradeço à Rosângela por suas sempre sábias analogias mitológicas e ao Gazy por um artigo revigorante e curador sobre o deus Thor. Além disso, agradeço à professora e dançarina Andrea, que soube dançar com as palavras nos encantando ao falar sobre o Ramayana, além de agradecer à Eliane por trazer de forma bela e monumental o tema de Perséfone no artigo de capa!

Agradeço ao Marcelo e a Fernanda que trouxeram 20 anos de sua história para nos fazer ir à Mundos Infinitos e ao Luis da Hell Yeah Music, que sempre cumpre seu compromisso de forma majestosa e com excelência com a nossa revista, desbravando ferozmente a mitologia!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, infelizmente de forma póstuma, à Yoko Miyazono Alves Pinto, uma grande amiga da mitologia e uma das fotógrafas do "Oráculo da Mulher Deusa", que consta na biblioteca de Thoth. Futuras páginas desta revista teriam seu nome, mas estas páginas aqui são dedicadas à você, onde quer que esteja agora.

Agradeço ao pessoal entusiasmado da Área Nórdica e à Vanna Domingues que nos brindaram com uma resenha sobre a série Vikings! E agradeço ao Luiz Júnior por sempre ter histórias encantadas guardadas em sua manga para nos deleitar.

Agradeço de forma muito especial e carinhosa ao Janne por criar duas artes únicas e profundas para a nossa revista e ao Patrick por ceder sua incrível arte para acompanhar o conto "Ruptura". Aproveito para agradecer também ao Rodrigo por esse conto tão profundo e verdadeiro!

Agradeço mais uma vez ao Guilherme por disponibilizar sua HQ, com um tema tão importante para pensarmos nesse momento!

E quero agradecer aos inúmeros leitores entusiasmados que voltam com seus importantes retornos sobre os artigos e demais seções da revista: isso é muito importante para nós, vocês nem imaginam! Além disso, quero agradecer à todos os futuros colaboradores, pois estamos recebendo valiosas contribuições para os próximos números! Alegria que atrai alegria!

Até a próxima!

Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Karem Dias

Ilustração da Capa: "Perséfone", Janne Virtanen

Marketing: Karem Dias / Jéssica Dias

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Fevereiro, World Wild Web

Periodicidade: Mensal

Colaboram Nesta Edição:

Eliane Leite, Vitor Filippo, Gabriela Sabina, Rosângela Corrêa, Gazy Andraus, Andrea Prior, Área Nórdica, Vanna Domingues, Marcelo Miranda (Olam Ein Sof), Rodrigo Filippo, Patrick Burke, Guilherme da Silveira e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados à seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta